

---

# Índice

|     |  |                                     |
|-----|--|-------------------------------------|
| 1.  | Introdução.....  | 2                                   |
| 1.1 | Objectivos.....  | 2                                   |
| 1.2 | Metodologias .....                                       | 2                                   |
| 2.  | Caracterização de Angola .....                           | 4                                   |
| 2.1 | Caracterização Física.....                               | 5                                   |
| 2.2 | Período Pré Colonial .....                               | 10                                  |
| 2.3 | Período Colonial.....                                    | 13                                  |
| 3.  | Luta de libertação, Descolonização e Independência ..... | 15                                  |
| 3.1 | A Guerra, os efeitos económicos e a democracia .....     | 16                                  |
| 3.2 | Tenho FOME!.....   | 19                                  |
| 3.3 | Corrupção e Promiscuidade? .....                         | 23                                  |
| 4.  | Demografia e população.....                              | 28                                  |
| 4.1 | Grupos etários.....                                      | 28                                  |
| 4.2 | Educação, alfabetização e escolaridade .....             | 31                                  |
| 4.3 | Mercado trabalho.....                                    | 32                                  |
| 4.4 | Condições de vida.....                                   | 33                                  |
| 4.5 | Factores sociais e humanos.....                          | 33                                  |
| 5.  | Saúde.....   | 34                                  |
| 6.  | Caracterização económica.....                            | 38                                  |
| 6.1 | Agricultura e pescas .....                               | 43                                  |
| 6.2 | Indústria e Transformação.....                           | 46                                  |
| 6.3 | Comércio e Serviços .....                                | 51                                  |
| 7.  | Infra-estruturas e equipamentos.....                     | 52                                  |
| 8.  | Ambiente .....   | 57                                  |
| 9.  | Considerações Finais .....                               | 58                                  |
| 10. | Bibliografia.....  | <b>Erro! Marcador não definido.</b> |

# 1. Introdução

## 1.1 Objectivos

Este trabalho foi realizado no âmbito da cadeira de Teorias e Políticas de Desenvolvimento, do curso de Geografia e Planeamento Regional da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas e teve como objectivo a análise socioeconómica de um país em vias de desenvolvimento, neste caso a República de Angola.

O estudo teve como principal objectivo analisar e compreender os indicadores favoráveis e desfavoráveis existentes na República de Angola, tais como, indicadores socioeconómicos, educação e alfabetização, saúde, saneamento, estado de nutrição, recursos energéticos, comércio, tecnológicos e de desenvolvimento e assim obter um melhor conhecimento da realidade existente, comparando-a com a de outros países e numa perspectiva crítica tentar perceber a razão do seu subdesenvolvimento.

O país escolhido toma particular importância, pelo facto de ser um país com laços e relações privilegiadas com Portugal.

Este estudo foi elaborado a partir da sistematização e análise de informação estatística, recorrendo-se ainda a fontes de Informação fidedigna, as quais nos foram úteis pela informação dispensada.

O presente estudo pretende ser, tanto quanto possível, de interesse para possíveis consultas. Para tal tentou fazer-se recolha e organização de dados, apresentando-os em quadros e gráficos, que se pretendem de fácil leitura.

## 1.2 Metodologias

A metodologia utilizada no desenvolvimento do presente trabalho foi a pesquisa exploratória baseada na recolha de informação bibliográfica e Web gráfica, tendo em conta as características e a natureza do problema que se procura estudar. Dado que se trata de analisar as razões que motivaram o não desenvolvimento de Angola, o método de abordagem do estudo consistiu na análise descritiva de documentação

escrita e na análise e compreensão de indicadores estatísticos. Neste sentido, as principais fontes de pesquisa foram o *Relatório de Desenvolvimento Humano 2007 – 2008*, publicações escritas e documentação histórica.

No desenvolvimento do trabalho e por necessidade de análise e comparação dos indicadores estatísticos, seleccionamos de forma semi-aleatória países com base na ordenação destes nas tabelas do *Relatório de Desenvolvimento Humano 2007 – 2008* com intervalos de 10 e juntámos-lhe a República de Angola (162). Desta forma, obtivemos foi possível comparar os indicadores com os de países de elevado, médio e baixo IDH.

Desta selecção resultaram os seguintes países:

|       | Ranking    | País                              | IDH         |
|-------|------------|-----------------------------------|-------------|
| ALTO  | 1          | Islândia                          | 0,97        |
|       | 10         | França                            | 0,95        |
|       | 20         | Itália                            | 0,94        |
|       | 30         | Estado do Brunei Darussalam       | 0,89        |
|       | 40         | Chile                             | 0,87        |
|       | 50         | Seicheles                         | 0,84        |
|       | 60         | Roménia                           | 0,81        |
|       | 70         | Brasil                            | 0,80        |
| MÉDIO | 80         | Belize                            | 0,78        |
|       | 90         | Filipinas                         | 0,77        |
|       | 100        | Maldivas                          | 0,74        |
|       | 110        | Nicarágua                         | 0,71        |
|       | 120        | Vanuatu                           | 0,67        |
|       | 130        | Laos, Rep. Democrática Popular do | 0,60        |
|       | 140        | Bangladesh                        | 0,55        |
|       | 150        | Timor-Leste                       | 0,51        |
| BAIXO | 160        | Guiné                             | 0,46        |
|       | <b>162</b> | <b>Angola</b>                     | <b>0,45</b> |
|       | 170        | Chade                             | 0,39        |

Tabela 1 – Lista de Países

Relativamente à estrutura, encontra-se dividido em doze partes, sendo a primeira a Introdução, a segunda a caracterização física e político-social antes da independência, a terceira Angola após a independência, a quarta demografia e população, a quinta a Saúde, a sexta habitação, a sétima a caracterização económica, a oitava infra-estruturas e equipamentos, a nona análise SWOT, a decima considerações finais, a decima primeira a bibliografia e por último os anexos.

## 2. Caracterização de Angola

A República de Angola tem uma superfície de 1.246.700 Km<sup>2</sup>, situa-se na costa ocidental do continente africano entre os paralelos 4° 22' e 18° 02' Sul e os meridianos 11° 41' e 24° 05' Leste, confina a Norte com a República do Zaire e a República Popular do Congo, a Este com as Repúblicas do Zaire e da Zâmbia, a Sul com a Namíbia e a Oeste, possui uma fronteira marítima 1.650Km. Ainda a Norte, separada do resto do território pelo estuário do rio Congo e por território zairense, encontra-se o enclave da província de Cabinda.

Como cidades importantes tem Luanda, Huambo, Lobito, Benguela, Cabinda, Lubango, Malange e Namibe.

Colonizada pelos portugueses deste 1574, passou por domínio holandês entre 1641 e 1648, é reconquistada por comerciantes do Rio de Janeiro que organizaram uma armada e mantiveram o seu domínio até à segunda metade do século XVIII, quando Portugal tira de Angola todos os funcionários ligados ao Brasil e coloca partidários da Metrópole. Na Inconfidência Mineira Portugal já tinha retomado o controlo do território.

Em 1961 movimentos de libertação iniciam uma guerra de guerrilha que se prolonga até 1975, altura em que deixa de ser uma colónia portuguesa.

Em Janeiro de 1975 é criado um governo de transição para Angola com representantes do Movimento de Libertação de Angola (MPLA), a Frente Nacional para a Libertação de Angola (FNLA), A União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA) e o governo português.

Contudo, mantêm-se violentos combates entre o MPLA e FNLA (Março de 1975), resultado das divergências políticas que alastram a todo o país.

No final de 1975, Angola encontra-se dividida, cujo controlo é exercido pelos três maiores grupos nacionalistas, cada um dos quais ajudado por potências estrangeiras.

O MPLA apoiado pela União Soviética e Cuba mantinha o controlo da Capital (Luanda), a FNLA era apoiada pelo Zaire e potências ocidentais (incluindo os Estados Unidos), enquanto a UNITA era apoiada por forças Sul Africanas.

A 11 de Novembro de 1975 o Governo Português proclama a Independência de Angola e transfere a soberania para o povo angolano. Nessa altura, o MPLA proclama a República Popular de Angola e estabeleceu o governo em Luanda, cuja presidência é entregue ao líder do movimento, Dr. Agostinho Neto.

Após a independência intensifica-se a luta pelo poder entre os movimentos de libertação, agora partidos políticos, que faz com que Angola mergulhe na guerra até 2002.

Quanto ao poder político, este manteve-se na posse do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) desde 1975 até à actualidade, a União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA) manteve o controlo de uma parte do território angolano rico em diamantes (Planalto Central) até ao assassinato do seu líder Jonas Savimbi e a Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA) de Olden Roberto extinguiu-se poucos anos após a independência.

Administrativamente, Angola divide-se em 12 províncias.



Fonte: <http://www.ambluanda.esteri.it/.../mapaangola2.JPG>

Figura 1 – Províncias de Angola

## 2.1 Caracterização Física

### Relevo

O relevo de Angola é predominantemente constituído por planaltos com uma altitude média superior a 1 000 m, alguns superiores a 1 500 m, que do interior descem muito suavemente sobre as fronteiras Oriental, Norte e Sul e no litoral mais ou menos bruscamente sobre a costa Atlântica.

Esta extensa meseta que ocupa quase a totalidade do interior de Angola, pode dividir-se em três zonas distintas:

- **Zona litoral**

Composta por uma faixa estreita e de baixa altitude (400 m máximo), com uma largura máxima de 200 Km no Vale do Cuansa e mínima de 15 a 20 Km em Benguela, voltando a alargar atingindo 100 Km na foz do Cunene.

- **Zona sub-planáltica**

Composta por planaltos cortados por ravinas e vales, excepto na região do Congo, que embora acidentada é consideravelmente diminuta a sua expressão montanhosa, estende-se Norte a Sul junto à **zona litoral**.

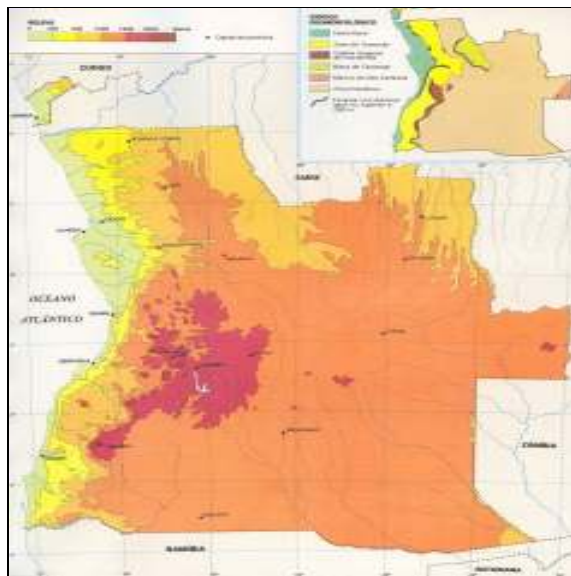
Esta faixa tem altitudes compreendidas entre os 400 e os 1000 m e uma largura que varia entre os 300 Km junto do paralelo de Malange, os 200 Km na região de Nguza e os 150 Km em Cunene.

- **Zona planáltica**

Esta zona compreende a maior parte do território angolano e subdivide-se em dois planaltos. O primeiro com elevações entre 100 e 1500 m (a maior extensão) e o segundo com altitudes superiores a 1500m, que se estende para Sueste do planalto do Bié até à região do Lubango. Este planalto tem vertentes abruptas para Oeste, acentuando-se ainda mais o seu declive na região de Huila, constituindo as íngremes vertentes da serra de Chela.

É neste núcleo central da região planáltica do Bié que se encontra um dos maiores centros de dispersão de águas do continente Africano, e o acidente de maior altitude de Angola com 2620 m, o Morro do Moço. Destaque-se também, o maciço do alto do Zambeze a Leste, com uma altitude máxima de 1428 m.

O enclave de Cabinda é quase plano com cotas inferiores a 1000m.



Fonte: [http://www.info-angola.com/governo/images/.../relevo\\_geomorfologia.jpg](http://www.info-angola.com/governo/images/.../relevo_geomorfologia.jpg)

Figura 2 – Relevo e Geomorfologia de Angola

---

## **Solos**

Quanto aos solos, poder-se-á afirmar que Angola possui solos bastante férteis e de boa qualidade, com excepção do deserto do Namibe a sul na cidade de Benguela, fazendo fronteira com foz do rio Cunene (Namíbia) até ao Parque Nacional do Lona e a Reserva do Namibe.

No interior do território (centro leste), a grande meseta continental cuja altitude média é superior a 400 metros, possui solos de excelente qualidade. Essa meseta estende-se para o interior Norte às províncias do Zaire, Uíge, Cuanza Norte, Malange, Bié, Moxico, Lunda Norte e Sul, tem um coberto vegetal onde predominam as savanas, matas e selvas tropicais e possui no subsolo uma grande riqueza mineral, os diamantes.

## **Vegetação**

Relativamente à vegetação, Angola possui uma paisagem muito variada, que engloba florestas muito densas do tipo equatorial, de que é exemplo a floresta do Maiombe em Cabinda, coberturas descontínuas de arbustos e ervas, vastas áreas de savana de diversos tipos, capinzais e grandes extensões desertas do Namibe. No entanto, a maior parte de Angola encontra-se coberta por selva ou por bosque equatorial, sendo também muito significativas as áreas de savana e de estepes.

No deserto, predomina a *Welwitschia*, género monotípico de plantas suculentas, que apenas existe no deserto do Namibe e na Namíbia.

A Norte, a Nordeste e nas partes altas das planícies predomina o bosque equatorial, devido a valores mais elevados da precipitação, da qual também depende o tipo de savana.

Descendo para Sul, a paisagem altera-se, diminuindo o porte e o tamanho das ervas (capim) e árvores altas, para as Acácias e arbustos de porte mais rasteiro. Nesta passagem (de Norte para Sul), existe uma qualidade de savana de bosque seco, de árvores de copa plana e altas ervas secas.

Outro aspecto importante da vegetação é o papel que esta tem na distribuição da fauna. Assim, Nas zonas de savana e de estepe, abundam os herbívoros, de que são

exemplo o hipopótamo, a girafa, o elefante africano, o rinoceronte, a zebra, a cabra, o almiscareiro, o antílope, a gazela, a palanca, etc.

Quanto aos carnívoros, também abundam nas zonas habitadas pelo herbívoros, pelo facto de estes serem a sua quase exclusiva alimentação. Existe em grande número o leão, o leopardo, a hiena, a raposa e o chacal.

As árvores mais marcantes são o embondeiro, as palmeiras-de-dendém, as palmeiras de coco e as cactáceas. Nas altitudes mais elevadas (serra da Chela, Bailundo e outras) predominam as estepes.

## Clima

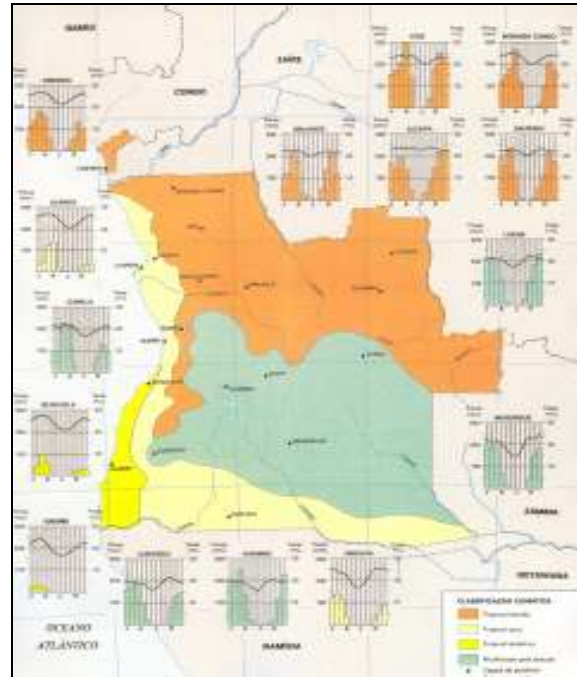
Angola possui uma grande diversidade climática, que resulta da sua grande extensão territorial, quer em latitude quer em longitude. Em latitude, porque

lhe confere uma maior ou menor exposição à radiação solar e a longitude na medida em que as amplitudes térmicas aumentam com o afastamento do mar. Se conjugarmos estes factores com o tipo de relevo, os efeitos da corrente oceânica fria e o factor da continentalidade, teremos uma enorme diversificação climática.

A Norte predomina um clima tropical, a Sul um clima subtropical e temperado nas zonas de maior altitude.

O facto de Angola se localizar na zona intertropical e subtropical do hemisfério sul, bem como a sua proximidade ao mar, a corrente fria de Benguela e as características do relevo, fazem com que no território se caracterizem duas regiões climáticas distintas, a *região litoral* e a *região interior*, sendo que esta última se subdivide em três, uma a *Norte*, outra a *Sudoeste* e outra de *altitude*.

Quanto à **Região Litoral**, caracteriza-se por ter uma temperatura média superior a 23°C, humidade relativa de média superior a 30%, precipitação anual inferior a 60mm,



Fonte: <http://www.info-angola.com/.../mapas/hidrografia.jpg>

Figura 3 – Clima de Angola

descendo gradualmente de Norte para Sul, com valores de 800mm no litoral de Cabinda e 50mm na zona do Namibe (Sul).

A **Região interior** subdivide-se em três zonas: **zona Norte** com elevadas temperaturas e elevada pluviosidade; **zona de altitude** situada nas regiões planálticas do centro do território, com temperaturas médias anuais a rondar os 19°C e na estação seca (Cacimbo) atinge temperaturas mínimas muito baixas; e **zona Sudoeste**, árida ou semiárida devido à sua proximidade com o deserto do Calaári, com temperaturas baixas na estação seca (Cacimbo) e elevadas na estação quente (Chuvas), por influência de grandes massas de ar Tropical Continental.

Relativamente à pluviosidade, Angola possui duas estações distintas: Estação das Chuvas, quente, húmida, com elevada pluviosidade e que normalmente dura de Setembro até Abril e a estação do Cacimbo, mais fria e seca, de início de Maio a fins de Outubro. No entanto, as variações de temperatura são pequenas, essencialmente na região do litoral, devido ao efeito amenizador da carga térmica fornecida pelo mar.

## Rede Hidrográfica

Angola possui uma extensa rede hidrográfica que desce do interior do território em vales profundos e leitos irregulares, alargando-se nas proximidades do oceano Atlântico e se divide em quatro vertentes: Atlântica, do Zaire, do Zambeze e do Calaári.

Como principais rios encontram-se o Zaire, o Cuanza e o Cunene que correm em vales encaixados, com rápidos e cataratas ao longo do curso e formam grandes baías com excelentes portos, de que são exemplo o de Luanda, Lobito e Namibe. Na sua maioria, os rios são navegáveis em curtos troços junto à foz, cujas características associadas à tipologia do relevo



Fonte: <http://www.info-angola.com/.../mapas/hidrografia.jpg>

Figura 4 – Rede hidrográfica de Angola

constituem um obstáculo á penetração para o interior.

Quanto à orientação, de Norte para Sul corre o Cuando, paralelamente a este passando pela Namíbia e Zâmbia o Cubango e o Cuíto, sendo que os primeiros dois dão nome à província que delimitam, o Cuando Cubango.

Ainda a Norte, temos o rio Zaire que delimita a fronteira Norte de Angola com a República Democrática do Congo (antigo Zaire) e nas Lundas (a Nordeste), um conjunto de rios que corre de Sul para Norte e que aí desaguam, fertilizando os solos do seu vizinho do Norte (o Congo), sendo o mais importante o Cuango.

A Sul do território e de Este para Oeste corre o Cunene, a Sul de Luanda o Cuanza e a Norte desta os rios Bengo e Dange. Refira-se a extensa rede de mangais existentes e fertilizados na foz dos rios Bengo e Cuanza.

Por ultimo o rio Zambeze, um dos maiores de África (a seguir ao Nilo e ao Zaire), que nasce no Moxico (centro leste), tem como afluente o rio Luena e desagua em Moçambique.

## 2.2 Período Pré Colonial

Angola, cujo nome deriva da palavra bantu N'gola, título do governante da região no século XVI, época na qual começou a colonização da região pelos portugueses.

Em pesquisas recentes efectuadas por investigadores franceses, ter-se-á concluído que esta região terá sido alvo de muitas movimentações populacionais ao longo da sua história, tais como os povos bantus de quem falaremos separadamente no ponto seguinte. Estes, em sucessivas levas terão habitado desde o paleolítico inferior e empurraram para o sul os primitivos indígenas, os Khoisan, de origem não banta, hoje reduzidos a menos de 10 000 pessoas.

Com base nas evidências arqueológicas encontradas na Lunda, no Congo e no Deserto do Namibe, sabe-se que a região actualmente conhecida como Angola terá sido habitada desde tempos pré-históricos. Na Lunda, no Zaire e no Cuangar foram encontrados instrumentos de pedra e outros artefactos do Paleolítico e no deserto do Namibe, gravuras rupestres nas rochas (gravuras do Tchitundu-Hulo), atribuídas aos antepassados dos khoisan.

Contudo, só mais recentemente apareceram as sociedades mais desenvolvidas, sendo os primeiros a estabelecerem-se os Bosquímanos, de pele castanho claro, fisicamente idênticos aos pigmeus em tamanho e conhecidos como grandes caçadores.

Já no século XIII, a estruturação social e política de alguns destes grupos origina o reino do Congo, que por sua vez forneceu ao território uma base organizativa, política e social sólida e equilibrada. Pensa-se, que esta organização social terá sido a primeira grande entidade política na região, o Reino do Congo, cuja localização espacial compreendia desde o Gabão no norte, o rio Kwanza no sul, o Atlântico a ocidente e o rio Cubango a leste e que a capital corresponde actualmente a M'banza-(São Salvador).

Os Mani, aristocratas que ocupavam posições chave no reino e cuja riqueza provinha da forma de fazer agricultura, detinham o poder e somente respondiam ao todo poderoso Rei do Congo. Mabanza, nome dado ao território administrado pelos Mani, tinha como capital Mbanza Congo e uma população de 50 000 pessoas no século XVI.

Mais tarde, o Reino do Congo é dividido em seis províncias e mantém alguns reinos dependentes, tais como, Ndongo no Sul.

Quanto ao comércio, baseava-se na alta produtividade agrícola e na exploração mineira, que era a maior actividade económica da região.

Este foi o cenário que o navegador português Diogo Cão encontrou em 1482, quando à frente de uma frota chegou à foz do rio Zaire.

- **Expansão dos Bantu**

No início do século VI a.c. começou uma das maiores migrações na história. Os Bantu, de pele mais escura e tecnologicamente mais avançados dominavam a tecnologia do trabalho em metais. Vindos do norte, provavelmente de lugares perto da actual

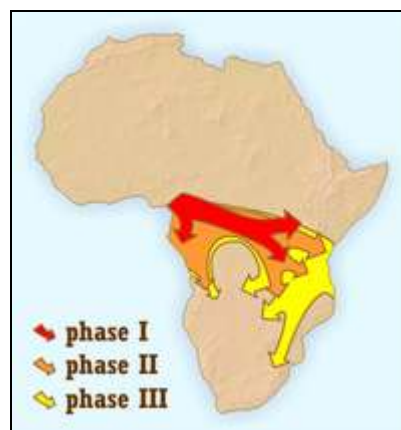


Figura 5 – Fluxos migratórios dos Bantu

---

República dos Camarões, alcançaram Angola, encontraram os Bosquímanos e outros grupos consideravelmente menos avançados.

Devido ao seu conhecimento sobre a utilização do metal, cerâmica, e agricultura rapidamente dominaram esses grupos. Ao estabelecerem-se na região, deram origem a outros grupos diferentes, que ao longo do tempo adquiriram características étnicas diferentes, algumas das quais persistem nos dias de hoje.

Durante os primeiros 500, os povos Bantu da África Central iniciam uma série de fluxos migratórios para sul e para leste, trazendo com eles o domínio da tecnologia da fundição do ferro, a que se chamou a expansão Bantu.

Mais tarde (século XIII), um desses povos (os Quicongo ou Kicongo) aproxima-se do rio Congo, atravessa-o e instala-se no Nordeste de Angola, enquanto os Ngangela seguem em direcção aos Grandes Lagos, posteriormente (século XVII) deslocam-se para Oeste, atravessam o Alto Zambeze e instalam-se no Cunene.

Por volta de 1568, os Jagas entram pelo Norte, combatem os Quicongos que acabam por se deslocar para sul, para a região de Kassanje, os Nhanecas (nyanekas ou vanyanekas) entram pelo Sul de Angola, atravessam o Cunene e instalam-se no planalto da Huíla e os hereros (povo de pastores) abandonam a sua terra na região dos Grandes Lagos, entraram pelo extremo leste de Angola, atravessaram o planalto do Bié e instalam-se entre o Deserto do Namibe e a Serra da Chela, no Sudoeste angolano.

Já no século XVIII, os Ovambos (ou ambós) com grandes conhecimentos na arte de trabalhar o ferro, deslocam-se do Baixo Cubango para o Alto Cubango e o Cunene, os Quiocos (ou kyokos) abandonam o Catanga, atravessam o rio Cassai, instalam-se inicialmente na Lunda e por fim, migram para sul.

Finalmente, em 1840 os Cuangares (ou ovakwangali) chefiados por Sebituane deslocam-se primeiramente de Orange na África do Sul para o Alto Zambeze, passam para o Cuangar no extremo Sudoeste de Angola e fixam-se entre os rios Cubango e Cuando onde se encontram actualmente.

Note-se, que as guerras e lutas entre estes povos eram frequentes, devido ao facto de os migrantes mais tardios serem obrigados a combater os povos residentes para lhes conquistar o território. Estes, para se defenderem construíam muralhas em torno das sanzalas, razão pela qual são visíveis nos dias de hoje em Angola muitas ruínas de

antigas muralhas de pedra, mais abundantes no planalto do Bié e no planalto da Huíla. Também visíveis na mesma região são os túmulos de pedra e galerias de exploração de minério, testemunhos de civilizações mais avançadas do que geralmente se supõe.

## 2.3 Período Colonial

Portugal chega ao Zaire em 1484 sob o comando de Diogo Cão (reinado de D. João II) e estabelece alianças com o reino do Congo, que por sua vez dominava a região. Este, terá sido o primeiro passo para a conquista pelos portugueses nesta região de África, nomeadamente Angola.

A sul, existiam dois outros reinos, o de Ndongo e o de Matamba, que mais tarde se fundem para dar origem ao reino de Angola (c. 1559).

No sentido de estabelecer relações comerciais com estes reinos, nas sucessivas expedições efectuadas os portugueses levam as armas de fogo e em troca, o Rei do Congo oferecia escravos, marfim, e minerais. Mais tarde, o Rei do Congo converte-se ao Cristianismo e adopta uma estrutura política idêntica à dos europeus, o que lhe confere o reconhecimento de figura bem conhecida na Europa, ao ponto de receber missivas Papais.

Na segunda metade do século XVI, explorando as rivalidades e conflitos entre estes reinos, os portugueses instalam-se na região de Angola.

Paulo Dias de Novais, primeiro governador de Angola, procura delimitar este vasto território e explorar os seus recursos naturais, em particular os escravos. A penetração para o interior do território apresenta-se muito difícil e em 1576 fundam São Paulo da Assunção de Luanda, a actual cidade de Luanda. Angola rapidamente se torna na principal fonte de abastecimento de escravos para as plantações da cana-de-açúcar do Brasil.

Mais tarde, durante a ocupação filipina de Portugal (1580-1640) Espanha ocupa Portugal e os seus territórios ultramarinos ficam para segundo plano nos seus assuntos internos. Os holandeses tirando vantagem desta situação reocuparam grande parte do litoral angolano (Benguela, Santo António do Zaire, as barras do Bengo e do Cuanza) e

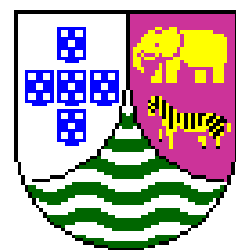


Figura 6 – Brasão de Angola enquanto colónia

empurram os portugueses para Massango, onde ficaram fortemente fortificados. A partir daí os portugueses realizam missões para captura de escravos, de que exemplo as guerras Kuata Kuata, devido ao facto de estes serem essenciais para o desenvolvimento da sua colónia, o Brasil.

Em 1648, para contentamento dos colonos do Brasil comerciantes do Rio de Janeiro organizaram uma armada comandada por Salvador Correia de Sá que recupera Luanda expulsando os holandeses, permitindo o regresso dos portugueses em grande número. Este domínio ir-se-á manter até à segunda metade do século XVIII, fazendo com que Angola permaneça como o principal reservatório de escravos para as plantações e exploração mineira do Brasil, São Tomé e Príncipe. Agudiza-se a tensão entre os portugueses e os Reinos de Bakongo e Ndongo. Refira-se, que nesta altura a ocupação dos portugueses pouco mais era do que as fortalezas junto da costa.

Ainda em 1648 Lisboa começa seriamente a consolidar as suas colónias, conquistando Bakongo na Batalha de Ammbuila em 1665. Contudo, só irá conseguir estender o controlo administrativo completo em Angola no início do século XX.

No entanto, a colonização efectiva do interior do território só se irá iniciar no século XIX, coincidindo com a independência do Brasil (1822) e o fim do tráfico de escravos (1836-42), mas não da escravatura. Como motivação para este avanço na colonização está a necessidade de dar resposta às pretensões de outras potências europeias, como a Inglaterra, a Alemanha e a França, que reclamavam na altura o seu quinhão em África. Firmam-se tratados estabelecendo os territórios que a cada uma cabem, de acordo com o seu poder e habilidade negocial.

Os avanços são lentos devido à ausência de vias de comunicação terrestres, o que faz com que as campanhas de ocupação do interior sejam feitas através dos cursos fluviais: Bacia do Cuango (1862), Bacia do Cuanza (1895, 1905 e 1908); Bacia do Cubango (1886-1889, 1902 e 1906); Bacia do Cunene (1906-1907); Bacia do Alto Zambeze (1895-1896); Entre Zeusa e Dande (1872-1907), etc. As fronteiras só serão definidas em finais do século XIX, sendo a sua extensão muitíssimo maior do que a do território dos Ambundos, cujo termo Angola lhes está associado.

Com a implantação de um regime republicano em Portugal (1910) a colonização de Angola entra numa nova fase, cujo aspecto mais relevante foi a criação de escolas.

No plano económico, inicia-se a exploração intensiva de diamantes com a criação da Diamang (Companhia dos Diamantes de Angola) em 1921, embora já laborasse desde 1916 na região de Luanda. No entanto, o desenvolvimento económico só se dará de forma sistemática nos finais da década de 1930 com o incremento da produção de café, sisal, cana do açúcar, milho e outros produtos, por se tratar de produtos destinados à exportação. A par destes produtos, desenvolve-se a exploração dos minérios de ferro com a fundação em 1957 da Companhia Mineira do Lobito, que explorou as minas de Jamba, Cassinga e Txamutete, tendo posteriormente cedido a exploração à alemã Krupp. A acompanhar este desenvolvimento e apoiados pelo próprio Estado, surgem vagas de imigrantes (110 mil entre 1941 e 1950), cujo fluxo imigratório permaneceu nos anos 50 e 60.

Na década de 1940, surge no plano internacional a questão da descolonização das colónias africanas, torna-se uma questão incontornável e em 1956 é publicado o primeiro manifesto do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA).

### 3. Luta de libertação, Descolonização e Independência

Portugal, que conseguiu travar o Nacionalismo Africano durante a primeira metade do século XX, decide em 1951 começar a tratar Angola como uma das suas províncias ultramarinas, despertando um novo fervor nacionalista.

Nos anos seguintes surgem três grandes movimentos nacionalistas (UPA/FNLA, MPLA e UNITA) que desencadeiam uma luta armada contra o colonialismo português.

Com o derrube da ditadura em Portugal (25 de Abril de 1974) abrem-se perspectivas imediatas para a independência de Angola. O então novo governo português enceta negociações com os três principais movimentos de libertação de Angola, que estabelecem um período de transição para a implantação de um regime democrático em Angola (Acordos de Alvor, Janeiro de 1975).

...

### 3.1 A Guerra, os efeitos económicos e a democracia

...

No entanto, já muito antes do dia da Independência (11 de Novembro de 1975) que se mantinham violentos combates entre o MPLA e FNLA (Março de 1975), resultado das divergências políticas que alastram a todo o país. Os três grupos nacionalistas que tinham combatido o colonialismo português, lutavam agora entre si pelo controlo do país, em particular da capital, Luanda. Cada um deles era na altura apoiado por potências estrangeiras, dando ao conflito uma dimensão internacional.

No final de 1975, Angola encontra-se dividida, cujo controlo era exercido pelos três maiores grupos nacionalistas, cada um dos quais ajudado por potências estrangeiras.

Previa-se então, que a independência de Angola não iria ser o início da paz, mas sim, o início de uma nova guerra.

A União Soviética e Cuba apoiavam o MPLA, que controlava a cidade de Luanda, Lobito, Benguela e algumas regiões da costa, tendo os cubanos desembarcado em Angola a 5 de Outubro de 1975. A África do Sul, que apoiava a UNITA invadiu Angola a 9 de Agosto de 1975 e o Zaire invade Angola em apoio da FNLA em Julho de 1975. Refira-se ainda, o apoio dado à FNLA por parte da China, de mercenários portugueses e ingleses e da África do Sul.

Em Outubro de 1975, Cuba transporta para Angola grandes quantidades de armamento e soldados, organizado pelos soviéticos, que fez com que a situação se desequilibrasse a favor do MPLA. As tropas sul-africanas e zaienses retiram-se e o MPLA consegue formar um governo socialista mono partidário.

Em 1976 dá-se o reconhecimento do governo do MPLA como o legítimo representante de Angola por parte das Nações Unidas, o que não vem a acontecer por parte dos EUA e África do Sul. É neste caos, em que Angola se havia tornado, que cerca de 300 mil portugueses abandonaram o país entre 1974 e 1976, que veio a agravar dramaticamente a situação económica.

No final 1977, o MPLA realiza o seu 1º Congresso e proclama-se como sendo um partido marxista-leninista.

A guerra agrava-se e alastra ao resto do território. A UNITA e a FNLA juntaram-se contra o MPLA. Mais tarde, a UNITA que tinha sido despojada do seu quartel-general no Huambo e impelida para o mato, reagrupa-se e inicia uma longa e devastadora guerra contra o governo do MPLA. A UNITA assumia-se anti-marxista e pro-ocidental, embora com raízes regionais, principalmente na população Ovimbundu do sul e centro de Angola.

Agostinho Neto morre em Moscovo a 10 de Setembro de 1979 e sucede-lhe no cargo o engenheiro José Eduardo dos Santos.

No início de 1980, os ataques da África do Sul eram consecutivos, o número de mortos e refugiados era bastante considerável e as infra-estruturas consecutivamente destruídas. Em Agosto de 1981, utilizando cerca de 15.000 soldados, blindados e aviões, avançaram mais de 200 km na província do Cunene (operação "Smokeshell"), com a justificação de que na região existiam bases militares dos guerrilheiros da SWAPO, o movimento de libertação da Namíbia. Na verdade tratava-se de apoio à UNITA, com o objectivo de se criar de uma *zona libertada* sob a sua administração. Estes conflitos terminariam em Dezembro de 1988 com a assinatura um acordo tripartido (Angola, África do Sul e Cuba) em Nova Iorque, que estabelecia a Independência da Namíbia e a retirada dos cubanos de Angola.

O desmoronar da ex-União Soviética acelerou o processo de democratização e em Abril de 1990 o governo de Angola anuncia o reinício das conversações directas com a UNITA, com o objectivo de se estabelecer o cessar-fogo.

Em Maio de 1990, a UNITA reconhece José Eduardo dos Santos como o Chefe de Estado angolano e no final desse mesmo ano, o governo anuncia a introdução de reformas democráticas no país. Um ano depois (Maio de 1991) o governo anuncia o fim do mono partidarismo com publicação de uma lei que autorizava a criação de novos partidos políticos. A 22 de Maio os últimos cubanos saíram de Angola.

A 31 de Maio de 1991, com a mediação de Portugal, EUA, União Soviética e da ONU, celebraram-se os acordos de Bicesse (Estoril), pondo fim a uma guerra social e economicamente devastadora que já durava desde 1975 e marcando as eleições para o ano seguinte.

Em Setembro de 1992 tiveram lugar as primeiras eleições livres saindo vitorioso o MPLA com cerca de 50% dos votos. A UNITA (40% dos votos) não reconhece os

resultados eleitorais e de imediato se sucedeu um banho de sangue, reinicia-se o conflito armado em Luanda que rapidamente se alastra ao resto do território.

Em 1993, o Conselho de Segurança das Nações Unidas aprova uma resolução que embarga as transferências de armas e petróleo para a UNITA.

Em Novembro de 1994 é assinado na Zâmbia o Protocolo de Lusaka. A UNITA usa o acordo de paz em seu proveito para impedir mais perdas territoriais e fortalecer-se militarmente. Em 1996 e 1997 adquire grandes quantidades de armamento e combustível, enquanto cumpria sem pressa alguns dos compromissos assumidos com Protocolo de Lusaka.

Atento às manobras da UNITA, o Ocidente passa a apoiar o governo do MPLA, iniciando-se o declínio militar e político da UNITA. Refira-se também a divisão interna da UNITA, em que uma parte dos deputados eleitos se separam deste movimento e assumem os seus lugares como oposição no parlamento de Luanda.

Em 2002, a guerra termina e o processo de desenvolvimento inicia-se com a morte do líder histórico da UNITA, Jonas Savimbi. Com a morte do líder, a facção revoltosa deste movimento inicia negociações com o Governo de Angola com vista à deposição das armas, deixa de ser um movimento armado e assume-se como mera força política.

Actualmente, mais de 3 milhões de angolanos excluídos pela pobreza e miséria que guerra provocou, formam um cinturão à volta da cidade projectada para 600 mil habitantes (Luanda). Os Musseques, gigantescos bairros de lata, são uma espelho da pobreza e do sofrimento infligidos pela guerra.

*E assim se delapidou parte da riqueza do património de todos os angolanos, em que petróleo e diamantes brilhantemente contribuíram para enriquecer a miséria, a doença, os estropiados e os órfãos, e porque não alguns bolsos, bem como, o crescimento precoce daqueles meninos que aos 10 anos já sabiam ser homens e cuidavam e tratavam dos seus irmãos de 3.*

### 3.2 Tenho FOME!

Se há zonas do globo onde as taxas de pobreza se estão a reduzir, como o caso da Ásia, outras há em que cada vez mais pessoas caem na pobreza extrema, onde os pobres são cada vez mais pobres, como é o caso da África Subsariana, em que a percentagem de pobreza extrema aumentou de 44,6 para 46,4 entre 1990 e 2001.

Parte do insucesso das acções da luta contra a fome nesta região, devem-se, por um lado ao lento crescimento das produções agrícolas, por outro ao elevado crescimento da população e ainda nalguns casos, há existência mais ou menos permanente de guerras e disputas pelo poder. Desde 1990 que o numero de pobres na África Subsariana não para de aumentar, existindo vários milhões de pessoas sofrendo de fome crónica, sendo cerca de metade crianças com menos de cinco anos que



Já sei ser pai!



Fonte: <http://www.youtube.com/watch?v=EvthGxz0W50>

Já sei ser mãe!

padecem de subnutrição. Note-se, que a falta de alimentos nas crianças pequenas, que poderão chegar a ser os homens do amanhã, lhes atrasa o desenvolvimento físico e mental.

Falemos de Angola!

**Vergonhoso e Monstruoso**, são os adjectivos que encontro para classificar o estado de calamidade a que chegou o povo de um dos países com maior riqueza do mundo.

É doloroso constatar a realidade que há muitos anos se evidência no quotidiano angolano, em que mãos cheias de crianças e adolescentes abandonados ao seu destino sobrevivem diariamente entre a imundice, a destruição, a fome e as doenças, cuja face mais visível se encontra em Luanda e nos convida a dar muitos gritos de revolta pelo estado a que os Josés Eduardos dos Santos angolanos conduziram o seu

desprezado povo. Ali ao lado, mesmo ao lado, os senhores que sem a mínima consideração pelo seu povo e por aqueles que deram a vida pela histórica luta pela liberdade, se governam em Angola.

Se há países onde não se vislumbra qualquer solução, por insuficiência de recursos que permitam uma justa redistribuição da riqueza de forma a permitir que o seu povo viva com o mínimo de dignidade, este não é com certeza o caso de Angola, um dos países com maior riqueza no subsolo (ouro, petróleo, diamantes e gás), onde os solos produzem quatro culturas anuais, onde se planta de manha e se colhe à noite. Desculpem, se não tivesse minas!!! (1 por angolano).

Com o fim das hostilidades militares emergiu o drama humanitário. Populações deslocadas pela guerra e impossibilitadas de cultivar os campos (devido às minas), deixaram as suas casas e partiram em busca de comida, desnutridas, tomadas pela doença e pelo cansaço, bem como crianças estropiados e órfãos de guerra que chegados às cidades vivem nos esgotos e comem *NADA*, ou ainda ex-combatentes e desmobilizados (80 000, só da UNITA), que em comum, partilham a penúria dos bens mais elementares à sobrevivência humana e os coloca perante a ameaça da morte pela fome.

Angola possui cerca de meio milhão de pessoas que se encontram em *condições desesperadas* por má nutrição, 70,2% da população vive com menos de 2 dólares por dia dos quais 54,3% com menos de 1 dólar por dia.

Ao analisarmos os indicadores sociais relacionados com a nutrição, constata-se que Angola apresenta pela negativa valores superiores aos valores médios do grupo de IDH ao qual pertence (Baixo IDH), excepção para as *Crianças nascidas com pouco peso*, com cerca de 8 vezes mais pessoas subnutridas do que a média dos países de elevado IDH, mais do dobro relativamente aos países de IDH médio e superior em cerca de 4% à média dos



Fonte: <http://www.youtube.com/watch?v=Evthgxz0W50>

**URGENTE !!!**

de IDH baixo. De positivo, refira-se apenas o facto da percentagem de pessoas subnutridas ter baixado de 58% para 35% entre 1990 – 92 e 2002 – 04

| IDH    | Pessoas subnutridas |         | Crianças c/altura a menos para a idade | Crianças nascidas c/pouco peso |
|--------|---------------------|---------|--|--------------------------------|
|        | 90 – 92             | 02 - 04 |  |                                |
|        | %                   | %       | % < 5 anos                             | %                              |
| Alto   | 6,5                 | 4,3     | -                                      | 7,0                            |
| Médio  | 20,9                | 16,0    | 41,0                                   | 16,0                           |
| Baixo  | 51,7                | 31,3    | 45,0                                   | 16,7                           |
| Angola | 58                  | 35      | 51                                     | 12                             |

Fonte: ONU

Tabela 2 – Indicadores sociais de Angola

| .Probabilidade à nascença de não viver até aos 40 anos | Probabilidade à nascença de não viver até aos 65 anos - Mulheres | Probabilidade à nascença de não viver até aos 65 anos - Homens | População sem acesso a uma fonte de água melhorada | Crianças com peso a menos para a idade | População abaixo da linha de pobreza - < 1 \$/dia | População abaixo da linha de pobreza - 2 \$/dia |
|--|--|--|--|--|---|---|
| 2000-05  | 2000 - 05  | 2000 - 05  | 2004   | 1996-2005                              | 2000 -2006  | 2000 -2006                                      |
| %  | %  | %  | %  | % < 5 anos                             | %   | %   |
| 46,7   | 33,9   | 27,5   | 49   | 31                                     | 54,3  | 70,2  |

Fonte: ONU

Tabela3 – Indicadores sociais de Angola

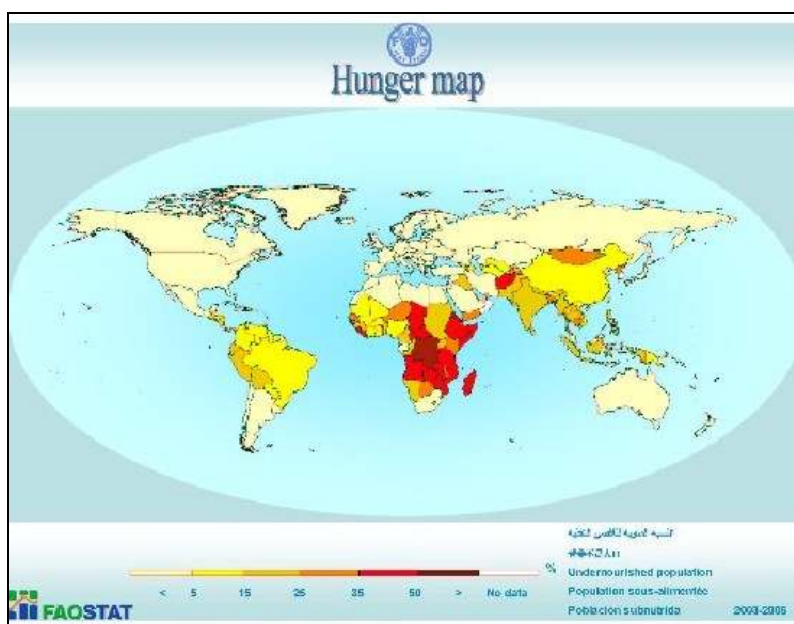
É este o estado a que chegou Angola!

Ah!... e a comunidade internacional bem como as organizações humanitárias onde estavam? Alguém denunciou a situação? Alguém sancionou ou contrariou os interesses pessoais e de estado do governo/governantes de Angola que de forma negligente, crónica e criminosa se governaram, contra o seu próprio povo? Onde estavam/estão as Nações Unidas?

Em Luanda existem apartamentos de luxo que foram vendidos por meio milhão de dólares ainda na fase do projecto. Nos arredores, centenas de milhares de barracas sem qualquer tipo de apoio básico (saneamento, água potável, ordenamento ou projecto de saúde pública) que morrem e são enterrados no silêncio sem chegarem a serem conhecidos os seus nomes. Para o governo são os restos de uma guerra, que

vão cair por si, mesmo ali ao lado. Mas, tirando o facto de a maioria dos angolanos passar fome, tudo o resto é normal. Quintas, vivendas, bancos, empresas etc., fazem parte do cada vez maior leque de interesses dos poucos angolanos que têm milhões (Orlando Castro em <http://www.noticiaslusofonas.com/view.php?load=arcview&article=21293&category=Alto%20Hama>).

*Eles têm fome mas nós temos o pão!*



Fonte: FAO

Figura 7 – Mapa da fome

*Se não for possível deixar às gerações vindouras, nomeadamente às que têm no corpo e na alma a utopia eterna da angolanidade (seja, ou não no contexto da Lusofonia), algum património, ao menos lutemos para lhes deixar algo mais do que a expressão exacta da nossa cobardia que serve para alimentar os poucos que têm milhões e deixar morrer à fome os milhões que têm pouco, ou nada.*

*E morre todos os dias, a todas as horas, a todos os minutos. E morre enquanto nós, aqui em Portugal, cantamos e rimos (como no tempo anterior ao 25 de Abril). E morre enquanto outros, em Luanda, comem lagosta. E morre enquanto outros, no interior do território, nem sabem o que é comer.*

*É que, quer o MPLA queira ou não, como na guerra, a vitória é uma ilusão quando o povo morre à fome. Tal como está a Angola profunda, a Angola real, ninguém sairá vencedor, mesmo que haja eleições. Todos perdem. Todos perdemos.*

*Se se entenderam para que Angola deixasse de ser uma gigantesca vala comum, não será difícil que entendam agora que a força da razão pode e deve substituir a razão da força.*

*Convém, por isso, que a democracia, a igualdade de oportunidades, a justiça, o Estado de Direito cheguem antes de morrer o último angolano. Espero que disso se convença José Eduardo dos Santos, um angolano que certamente não se orgulha de ser presidente de um país onde os angolanos são gerados com fome, nascem com fome e morrem pouco depois... com fome.*

Orlando Castro (<http://altohama.blogspot.com/>)



Fonte: <http://www.youtube.com/watch?v=mhuU3ZK159E&NR=1>

*Qual é o teu sonho? É ter um bom estudo, para conseguir amanhã um bom emprego....*

*E tens esperança? Não... não... não, não tenho esperança!*

*Sabes o que é um presente? Não... não sei!*

### 3.3 Corrupção e Promiscuidade?

Qualquer conversa sobre Angola que dure mais de 10 minutos, independentemente do assunto, acaba sempre por cair no tão afamado tema: Corrupção. Afinal que outro problema tanto afecta este país?

Segundo os relatórios anuais da Transparency International, em 2006 entre 163 países, Angola ocupava o 142º como país mais corrupto e em 2007 a 147ª posição em 179 (ordem decrescente).

Tal realidade, não só não é desmentida como é confirmada de forma implícita pelos recentes comentários feitos por governantes e ou pessoas ligadas ao governo de Angola, de que são exemplo “*é preciso acabar com uma certa promiscuidade que se verifica no exercício de funções públicas e, ao mesmo tempo, de gestão empresarial.*”, pronunciado por José Eduardo dos Santos em 27 de Junho de 2008 na abertura da XI sessão extraordinária do Comité Central do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) ou o comentário feito pelo embaixador de Angola no Brasil, Alberto Neto, numa entrevista à Globo onde disse que “*o objectivo de Angola é não chegar aos*

níveis de corrupção do Brasil e da Nigéria”, ou seja, objectivo não é combater mas sim, não crescer para níveis mais elevados.

Num estudo sobre a Angola publicado no site oficial do FMI e intitulado *The Main Institution in the Country is Corruption* (A Principal Instituição no País é a Corrupção), da autoria do norte-americano John McMillan, da Universidade de Stanford, o autor afirma, citando o jornal Angolense, que *"dez angolanos têm fortunas que ultrapassam os cem milhões de dólares, enquanto outros 49 têm mais de 50 milhões de dólares. À cabeça da lista dos mais ricos está o Presidente José Eduardo dos Santos, seguido de um deputado parlamentar, dois oficiais do seu gabinete, um embaixador, um antigo chefe militar, um ministro das obras públicas. Os sete angolanos mais ricos estavam todos no Governo"* no início deste século. McMillan afirma ainda, que *"Países como Angola, ricos em recursos naturais, sofrem muitas vezes da maldição dos recursos"* acrescentando que *"a dependência de recursos está relacionada, em muitos países, com a corrupção e falta de democracia"*. Neste mesmo estudo, num ponto intitulado de “O potencial perdido de Angola”, o autor refere que as exportações de petróleo em 2002 foram da ordem dos sete mil milhões de dólares e dos diamantes 800 milhões, que perfaz um valor de exportação per capita de 700 dólares, mas sublinha, *"70% dos angolanos vivem com menos de um dólar por dia"*.

Os sinais exteriores de riqueza que uma faixa muito restrita da população *exibe*, são por demais evidentes dessa corrupção institucionalizada, pois não se devem apenas ao sucesso profissional, por muito estrondoso e rápido que possa ser, mas sim, ao acesso privilegiado aos canais de informação, às fontes de financiamento, às facilidades na adjudicação de contratos e ao tráfico de influências, ou seja, as desigualdades de oportunidades têm contribuído para a constituição duma pequena classe social muito endinheirada. Veja-se o facto de na capital angolana existem apartamentos de luxo à venda por meio milhão de dólares, todos vendidos ainda na fase do projecto, enquanto nos arredores centenas de milhares de angolanos vivem em barracas, sem electricidade, sem saneamento ou água potável.

Angola que é o segundo maior produtor de petróleo na África Subsaariana e que assenta a sua economia na exploração deste recurso (55,8% PIB – 2007), tem sido repetidamente perseguida por alegações de extrema corrupção e má administração, pois deveria mas não o faz, explicar publicamente onde e como gasta a imensa riqueza gerada por este recurso. Em 2004, a Human Rights Watch documentou como o governo não conseguiu explicar o desaparecimento de aproximadamente 4 bilhões

de dólares entre 1997 e 2002. Essa quantia quase igualou todo o orçamento em programas sociais e humanitários que o país obteve nesse mesmo período.

*E a comunidade internacional doadora das ajudas a Angola o que diz? Quem fiscaliza, sanciona ou reprime as práticas dos governantes socialistas de Angola?*

Ninguém. Uns por conveniência, outros por inexistência.

Por conveniência, a comunidade internacional que à muito deveria ter posto um travão neste punhado de libertados socialistas, mas que manipulados pelos interesses (sabe-se lá quais) das grandes e exemplares democracias ocidentais, nada vêm, nada ouvem, nada sabem e nada contestam. Veja-se a forma como o dono do poder em Angola foi recebido em Portugal, ou o retrocesso da comunidade internacional que ao negar ajudas a Angola com forma de sancionar esta governação corrupta e criminosa e estes se viraram para a China, rapidamente deram o dito por não dito para habilmente se reposicionarem ao lado da razão, ou ainda os comentários de Orlando de Castro a propósito de investimentos realizados por Kopelipa no reino luso a norte de Marrocos “...Portugal só tem a ganhar com estes investimentos. Depois de 500 anos de colonização já era tempo de ser o colonizador a ser colonizado.”, “...a economia portuguesa está a ficar nas mãos da economia angolana...”, “...Portugal vai assistir ao nascimento de novas estruturas empresariais, em quase todos os sectores – incluindo os da comunicação social – de modo a que seja mais fácil aos donos do poder em Angola dizer aos escravos portugueses como devem fazer as coisas para agradar ao colono angolano.”, “...fico à espera de ver mais alguns (sim, que já há muitos) sipaios portugueses fazerem a vénia ao chefe do posto angolano porque se o não fizerem sujeitam-se a “fuba podre, peixe podre e porrada se refilarem”. Portugal espelha aqui a postura das sólidas democracias defensoras dos direitos humanos, amadurecidas (no caso de Portugal, 30 anos), que se apresentam como modelo a seguir pelos países ditatoriais e corruptos.

Por inexistência, porque em qualquer estado de direito um partido ou uma coligação ganha as eleições e governa no interesse e bem comum e os restantes fiscalizam os actos desse mesmo governo, denunciando e combatendo tudo o que for lesivo desse mesmo interesse ou bem comum. Em Angola também é (quase) assim (oficialmente). Há eleições livres (quase livres), multipartidarismo, partidos que ganham eleições e outros que são oposição. Só uma pequena diferença, quem ganha, ganha com 80% e quem perde, é oposição com 10 a 15% (projeções para as legislativas de 2008). Este será um dos grandes problemas relativamente à normalização da vida democrática de Angola e consequente luta contra a corrupção, pois com uma oposição destruída,

praticamente imperceptível e sem perspectivas de se poder recompor e fortalecer a curto prazo, não é espectável alterações significativas ao modelo de governação corrupta que actualmente se *governa* em Angola, logo deficit na fiscalização dos actos do governo, logo continuação da promiscuidade e corrupção.

Outro grande problema é a ausência de incentivos para se agir honestamente. Há muita gente que tenta ser honesta e a mais correcta possível, mas ao observarem à sua volta a forma como se desvaloriza valor ou simplesmente não se reconhece o esforço, acabam por desistir, é normal, não são de ferro, são humanos. É comum não se valorizar uma pessoa que não rouba, porque parte-se do pressuposto que é errado roubar logo não faz mais do que a sua obrigação. Pressuposto este que não se verifica em Angola, considerando que dificilmente se conseguirá combater a corrupção sem estimular a honestidade ou sem se transformar a honestidade num valor essencial. Enquanto que nos países normais um corrupto é alguém estigmatizado, em Angola, não.

Trata-se pois de um problema cultural, sistémico e generalizado, onde a revelação pública da grande corrupção (com nomes) não envergonha, ou não seja ela praticada e defendida pelo poder. Em Angola a corrupção pratica-se e expressa-se de formas diferentes consoante o estrato social de quem a pratica. Nas classes mais altas (dirigentes políticos, militares, quadros superiores da administração e governantes) a corrupção é um *status*. Ser chefe dá direito a ter riqueza e como é o Estado que concentra os recursos financeiros e patrimoniais da Nação, então deve ser extorquido.

Veja-se a promiscuidade existente entre Estado e José Eduardo dos Santos, onde se confundem os limites de quem é o quê, onde a economia assenta em meia dúzia de grandes empresas (petróleo, diamantes, banca, etc) mas as empresas são do clã de José Eduardo, onde as terras são património do Estado mas o Estado tem um dono. É este poder (diamantes, petróleo e banca) que há muito criou dinastias cada vez mais ricas e poderosas e que a continuar este estado de indiferença (dos angolanos e da comunidade internacional), fará com que os angolanos estejam condenados a estender a mão: seja para uma moeda, seja para uma palmatória. Em Angola há quem tenha sabido gerir muito bem a riqueza em proveito próprio, comprando consciências para poderem continuar a fazer a lavagem do dinheiro proveniente dessa riqueza, com a cumplicidade de parceiros portugueses, israelitas, russos, brasileiros, americanos e chineses, que obviamente, se estão *marimbando* para o povo angolano.

Angola possui uma cultura de corrupção generalizada a todo o território que terá consequências gravíssimas sobre a próxima geração, na medida em que esta nasceu e cresceu num estado de total perversidade de carácter, que a torna já moralmente corrupta.

Será que alguém tem conhecimento de processos penais levados à barra dos tribunais sobre enriquecimento ilícito e ilegal?

Palavras para quê, quando o país jorra dinheiro nas águas oceânicas, diamantes brotam do chão, terra rica para cultivar e 70 % da população vive com menos de 1 dólar por dia!

É esta a Angola da agonia, da corrupção, da promiscuidade, da desigualdade sem precedentes, da falta de vergonha e da falta de respeito pelo mais sagrado direito: A VIDA HUMANA.

Como é triste nascer num país riquíssimo como Angola e viver-se com menos de um dólar por dia! Como é triste, viver nas Lundas, em Malanje, em Cabinda, no Cunene e não ter sequer água potável!

**Notas:**

*A filha do Presidente é dona de 9.5% das acções do BPI, e será membro do seu Conselho de Administração!*

*Os milhões do Presidente entram em tudo que é grande empresa Capitalista especuladora.*

*A isto chama-se coerência comunista pela construção do Socialismo no Mundo!*

<http://rupturavizela.blogs.sapo.pt/472875.html> - (23-06-2009)

## 4. Demografia e população

### 4.1 Grupos etários

A estrutura etária consiste na distribuição da população em classes e grupos de idade.

Para uma boa planificação do desenvolvimento económico e social dos países e ou regiões, é fundamental conhecer-se muito bem a estrutura etária da sua população, pois permite o conhecimento das idades da população, as suas percentagens, jovem, activos e idosos e o peso entre cada um dos grupos funcionais.

Considera-se que uma determinada população é jovem quando 35% dos seus habitantes têm menos de 20 anos de idade e a população com 65 anos ou mais, não ultrapassa os 12%.

A população angolana está dividida em vários grupos étnicos. A grande maioria dos Angolanos, cerca de três quartos, é de etnia Ovimbundo (37%), Kimbundo (25%) e Bacongo (13%) e 25% pertencentes a outras nomeadamente mestiços (2%) e europeus (1%).

Em 2005 uma população estimava-se de 16,1 milhões de habitantes, demonstrando um enorme crescimento relativamente a 1975 (6,8 milhões). A maioria da população localiza-se no litoral perto das grandes áreas urbanas, nomeadamente Luanda.

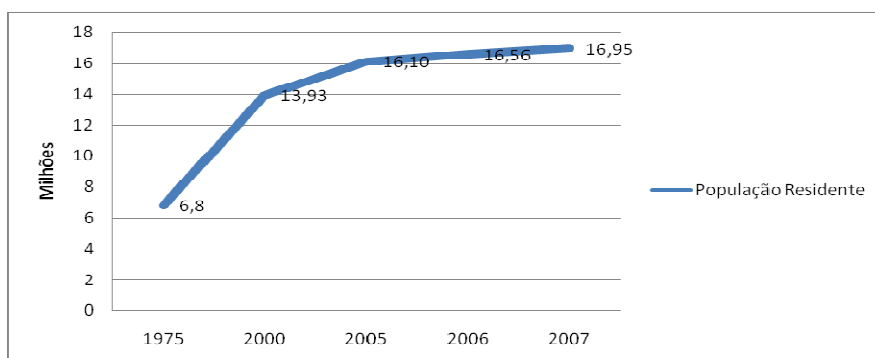
Relativamente ao crescimento demográfico, perspectiva-se para 2015 cerca de 21,2 milhões, representando um crescimento médio anual de 2,8% (2005-2015), revelando no entanto um ligeiro decréscimo comparativamente a 1975-2005 com 2,9%.

De referir que os valores de crescimento previstos para a África subsariana no mesmo período (2005 - 2015) são na ordem de 2,3% e para o mundo de 1,1% estando portanto esta Zona de África e nomeadamente Angola muito acima da média mundial.

Em 2007, segundo o *The World Bank Group* Angola tinha uma população aproximada de 16,95 milhões de habitantes não sendo este valor consensual pois a UNESCO referia 17,0. De acrescentar que estes dados são referentes à população residente, independentemente do estatuto de legalidade ou nacionalidade.

A densidade populacional é de 13,6 habitantes por Km<sup>2</sup>, sendo este valor inferior ao da África subsariana com de 18 habitantes por Km<sup>2</sup> e ao valor mundial com 48 habitantes por Km<sup>2</sup> (Yearbook 2006 da Nações Unidas).

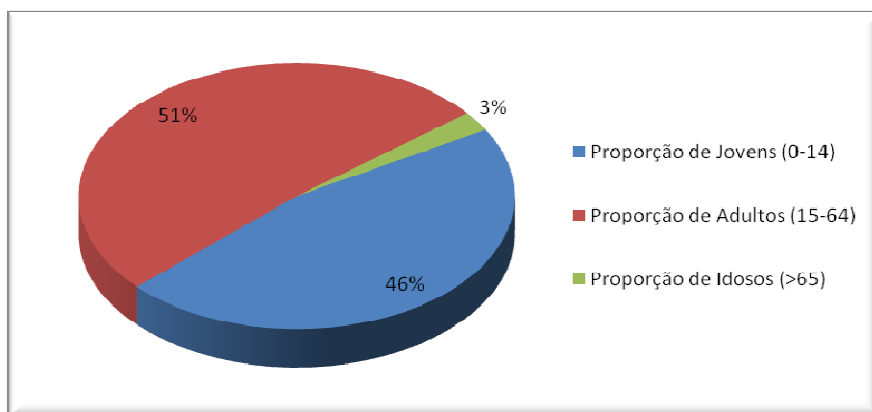
Angola possui apenas duas Cidade com uma população superior a 100 000 habitantes, sendo elas Luanda com 1 822 407 Habitantes (1993) e Huambo com 400 000 Habitantes (1993).



Fonte: <http://ddp-ext.worldbank.org>

Figura 8: Total de População (milhões de Hab.) / Evolução

Relativamente aos grupos etários, Angola possui um elevado numero de jovens (46%) e de adultos (51%), contrariamente aos idosos que representam o valor baixíssimo de 2,4%. Estes valores permitem-nos constatar a baixa esperança média de vida da população em Angola e são praticamente idênticos para toda a África subsariana ou central (como referido no Yearbook 2006 da Nações Unidas).



Fonte: <http://ddp-ext.worldbank.org>

Figura 9: Grupos Etarios

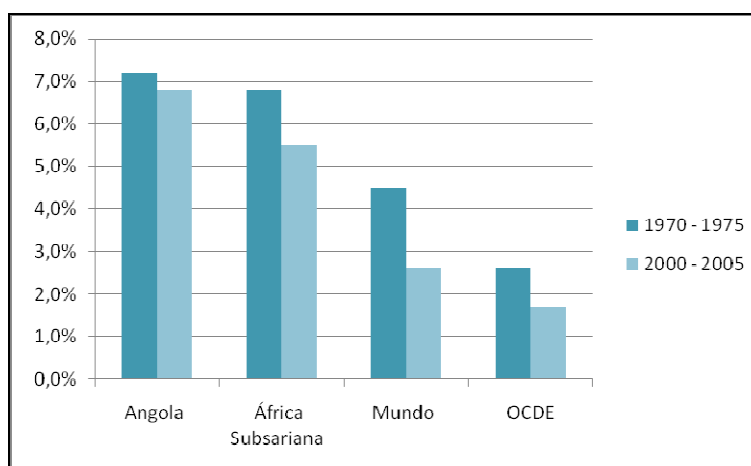
| Unidade Geográfica | População <15 anos (%) | População 15 -64 anos (%) | População com > 65 anos (%) |
|--------------------|------------------------|---------------------------|-----------------------------|
|                    | 2005                   | 2005                      | 2005                        |
| Angola             | 46,4                   | 51,2                      | 2,4                         |
| África Subsariana  | 43,6                   | 53,3                      | 3,1                         |
| OCDE               | 19,4                   | 66,8                      | 13,8                        |
| Mundo              | 28,3                   | 64,4                      | 7,3                         |

Fonte: <http://ddp-ext.worldbank.org>

Figura 4: Grupos Etários

Com uma Taxa de Bruta de Natalidade de 50‰ e uma Taxa Bruta de Mortalidade de 20,2‰ apresenta uma Taxa de Crescimento Natural de 30,8‰, revelando-se estes valores muito superiores aos valores médios Mundiais (TBN=22‰, TBM=9‰ e TCN=11‰), bem como da África Subsariana (TBN=46‰, TBM=16‰ e TCN=30‰). Estes dados são relativos aos anos 1995-2000 (Demographic yearbook, 2000).

Relativamente à fertilidade, verifica-se que o país mantém a tendência da região onde se insere (África Subsariana) com valores que têm vindo a decrescer mas ainda assim muito superiores aos mundiais e da OCDE.



Fonte: <http://ddp-ext.worldbank.org>

Figura 10: Taxa de fertilidade

A esperança de vida à nascença é extremamente baixa quando comparada com a os países desenvolvidos e com a média mundial. Os valores pouco evoluíram desde 1970-1975, sendo para o período 2000-2005 de 41 anos, um valor baixo mesmo se comparado com a região onde se encontra. Como podemos ver no quadro abaixo qualquer dos indicadores relativos á probabilidade de ter uma vida longa ou de sobrevivência a nascença é para Angola francamente baixos, sendo que até ao nível de mortalidade materna ainda apresenta 1,4% quando já nenhum dos outros objectos de comparação apresenta sequer dados por estes já não serem relevantes.

| Unidade Geográfica | Esperança de vida à nascença |           | Taxa de mortalidade infantil |                   | Taxa de mortalidade de menores de cinco anos |                   | Probabilidade à nascença de viver até aos 65 anos |
|--------------------|------------------------------|-----------|------------------------------|-------------------|--|-------------------|---|
|                    | 1970 – 75                    | 2000 – 05 | 1970                         | 2005              | 1970   | 2005              | 1999 – 05   |
|                    | Anos                         | Anos      | 1.000 nados-vivos            | 1.000 nados-vivos | 1.000 nados-vivos                            | 1.000 nados-vivos | %   |
| Angola             | 37,9                         | 41        | 180                          | 154               | 300  | 260               | 30,7  |
| África Subsariana  | 46                           | 49,1      | 144                          | 102               | 244  | 172               | 40,55   |
| OCDE               | 70,3                         | 77,8      | 41                           | 9                 | 54   | 11                | 84,85   |
| Mundo              | 58,3                         | 66        | 96                           | 52                | 148  | 76                | 67,55   |

Fonte: <http://ddp-ext.worldbank.org>

Tabela 5: Indicadores população

De referir ainda que em 2005 a população urbana ultrapassava a população rural em Angola. Existiam 54% de homens e 50,7% de mulheres a viver em áreas urbanas, o que dá uma ligeira subida relativamente ao ano 2000 onde praticamente os valores já rondava os 50%. (African Development Bank Group (AfDB) – [www.afdb.org](http://www.afdb.org)).

## 4.2 Educação, alfabetização e escolaridade

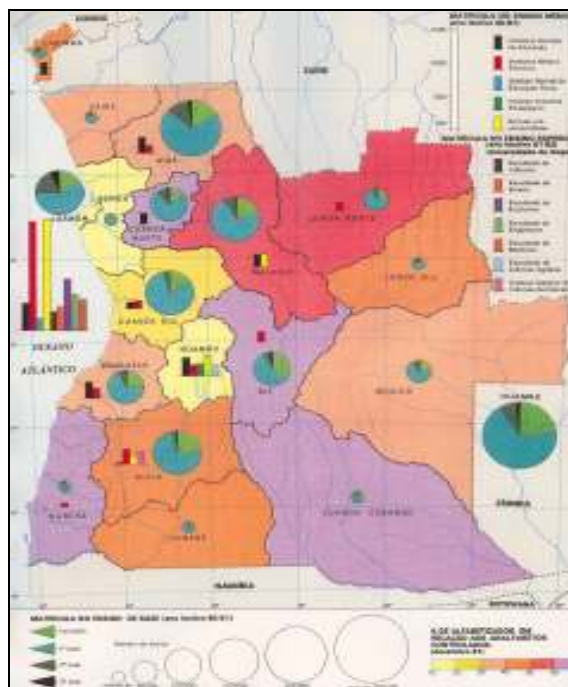
Relativamente à educação existem muito poucos dados disponíveis para Angola. No entanto, sabe-se que o investimento na educação foi de 2,6% do PIB em 2002-2005, sendo este valor no total da despesa pública de 6,4%.

A taxa de alfabetização entre os jovens em 1995 – 2005 era de 72,2%, sendo para o grupo com 15 ou mais anos ligeiramente inferior (67,4%).

| Unidade Geográfica | Taxa de alfabetização adultos (>15 anos) 1995-2005 | Taxa de escolarização bruta – primário, secundário e superior (%) 2005 | Índice da educação |
|--------------------|--|--|--------------------|
| Angola             | 67,4   | 25,6   | 0,535              |
| África Subsariana  | 60,3   | 50,6   | 0,571              |
| OCDE               | ..   | 88,6   | 0,912              |
| Mundo              | 78,6   | 67,8   | 0,75               |

Fonte: <http://ddp-ext.worldbank.org>

Tabela 6: Indicadores Educação



Fonte: Ministérios da Educação, "Atlas Geográfico", Volume 1, 1982

Figura 11- Níveis de Alfabetização

### 4.3 Mercado trabalho

Também aqui não nos foi possível obter dados, existindo apenas um valor relativo à população economicamente activa.

Assim, Angola tem 7 032 000 de habitantes activos, sendo 46,7% mulheres e 53,7% homens. De referir que o valor apresentado para o ano de 2005 apresenta um decréscimo relativamente ao sexo masculino que em 2000 era 54,2%. O valor total

apresenta um acréscimo relativamente a 2 000, que era de 6 045 000 habitantes (African Development Bank Group (AfDB) – [www.afdb.org](http://www.afdb.org)).

Em termos de trabalho infantil, 30 por cento das crianças dos 5 aos 14 anos trabalha. O abuso económico e sexual das crianças, incluindo tráfico de crianças em algumas partes do país, é problema que tem surgido. Embora exista enquadramento legal e estratégias nacionais para protecção às crianças assim como redes de organizações de protecção à criança, demasiadas crianças Angolanas são desfavorecidas, abusadas ou exploradas.

#### 4.4 Condições de vida

Angola é um dos países do mundo menos desenvolvidos. Actualmente ocupa o 157º lugar (0,484) no ranking do índice de desenvolvimento humano (IDH) a par com países como Togo, Uganda, Timor-leste entre outros (2006).

Ocupa o lugar 119º lugar (entre 135 países em desenvolvimento) com o valor de 40,5 relativamente ao índice de pobreza humana, bem visível através de uma taxa de subnutrição infantil de 31% relativamente a crianças com < 5 anos e de um valor de 49% de população que vivem sem acesso a água potável.

A esperança média de vida era em 2006 de 42,1 anos, existindo uma probabilidade de não ultrapassar os 40 anos de 46,7%.

O PIB per capita é muito baixo (4,434 US\$), e a riqueza encontra-se distribuída de forma bastante desigual.

Valores indicados pelo Human Development Reports, actualizado em 2008 ([http://hdrstats.undp.org/2008/countries/country\\_fact\\_sheets/cty\\_fs\\_AGO.html](http://hdrstats.undp.org/2008/countries/country_fact_sheets/cty_fs_AGO.html)).

#### 4.5 Factores sociais e humanos

Para uma população estimada em 10 milhões de habitantes, em 1995, 4 milhões necessitavam urgentemente de comida e à qual o Mundo deu uma resposta ao nível de apoio humanitário. O rendimento mensal Nacional Per Capita é aproximadamente

de 620 dólares mensais para as camadas de nível médio (com negócios) e de 6 dólares para a classe com o nível de vida muito baixo.

Como consequência da gradual implementação do Protocolo de Lusaka as massivas mortes sem julgamento que caracterizaram Angola em 1994 foram decrescendo, continuando no entanto a verificar-se sérios abusos dos Direitos Humanos.

A maioria da população de Angola vive na pobreza, sendo que 68% da população urbana vive abaixo da linha da pobreza (Unicef, 2001) e a economia rural é na sua maioria uma economia de subsistência.

### Luanda (habitação social)

TPA-O projecto “Nova Vida” é um dos maiores projectos habitacionais em construção no País no período pós independência. Ali, o Governo promove a construção de habitações, privilegiando os funcionários públicos.

Localizado a 8 quilómetros do centro da cidade, o “Nova Vida”, oferece, segundo os



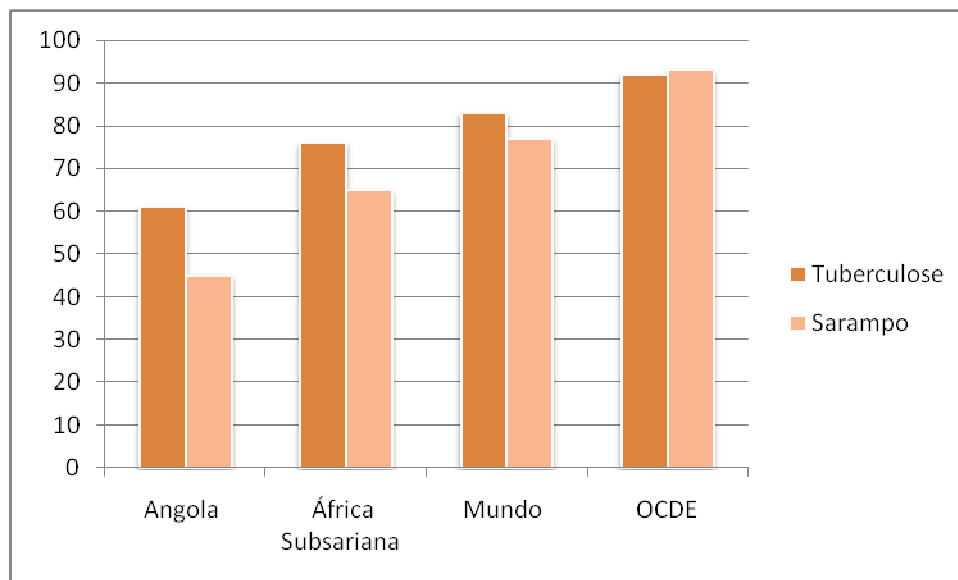
Fonte: ?  
Figura 12: Alojamento Social

seus moradores, qualidade de infra-estruturas sociais básicas. Os mesmos encorajam o Governo a estender o projecto a todo País. Na primeira fase do projecto, foram construídas cerca de 464 moradias, entre vivendas e apartamentos, onde vivem mais de 15 mil pessoas o que corresponde a 2 500 famílias num espaço 400 hectares.

## 5. Saúde

Angola apresenta um baixo padrão de saúde, que a coloca na base dos países ao nível mundial. A esperança média de vida é das mais baixas (42,1 em 2006) e tem aumentado a um ritmo muito baixo durante os últimos 30 anos, pois o valor para o intervalo de tempo 1970-1975 era de 37,5 e 2000-2005 de 41. As taxas de mortalidade mantêm-se elevadas com especial relevância na mortalidade infantil, sendo a falta de higiene, programas de vacinação deficientes e acesso a

medicamentos alguns factores preponderantes para estes valores elevados. No que a vacinações diz respeito temos 61% e 45% das crianças com um ano vacinadas contra tuberculose e sarampo respectivamente, sendo mais uma vez estes valores abaixo da percentagem para a região onde Angola se insere, e bastante inferiores aos existentes para a OCDE que atinge quase 100% nos dois tipos de vacinação.



Fonte: ?

Figura 13: Percentagem de crianças com 1 ano vacinadas

| Ano  | Taxa de mortalidade | Varição | Data da Informação |
|------|---------------------|---------|--------------------|
| 2003 | 25,83               |         | 2003 est.          |
| 2004 | 25,9                | 0,27%   | 2004 est.          |
| 2005 | 24,5                | -5,41%  | 2005 est.          |
| 2006 | 24,2                | -1,22%  | 2006 est.          |
| 2007 | 24,81               | 2,52%   | 2007 est.          |
| 2008 | 24,44               | -1,49%  | 2008 est.          |

Fonte: www.indexmundi.com

Tabela 7: Taxa de mortalidade

| Unidade Geográfica | Esperança de vida à nascença |           | Taxa de mortalidade infantil |                   | Taxa de mortalidade de menores de cinco anos |                   | Prob. à nascença de viver até aos 65 anos - Mulheres | Prob. à nascença de viver até aos 65 anos - Homens | Taxa de mortalidade materna |
|--------------------|------------------------------|-----------|------------------------------|-------------------|--|-------------------|--|--|-----------------------------|
|                    | 1970 - 75                    | 2000 - 05 | 1970                         | 2005              | 1970   | 2005              | 2000 - 05  | 2000 - 05  | 2005                        |
|                    | Anos                         | Anos      | 1.000 Nados-vivos            | 1.000 Nados-vivos | 1.000 Nados-vivos                            | 1.000 Nados-vivos | %  | %  | 1.000 nados-vivos           |
| Angola             | 37,9                         | 41        | 180                          | 154               | 300  | 260               | 33,9   | 27,5   | 1,4                         |
| África Subsariana  | 46                           | 49,1      | 144                          | 102               | 244  | 172               | 43,3   | 37,8   | ..                          |
| OCDE               | 70,3                         | 77,8      | 41                           | 9                 | 54   | 11                | 89,2   | 80,5   | ..                          |
| Mundo              | 58,3                         | 66        | 96                           | 52                | 148  | 76                | 72   | 63,1   | ..                          |

Fonte: <http://ddp-ext.worldbank.org>

Tabela 8: Mortalidade infantil / Esperança de vida

A par com a malária, sarampo, infeções respiratórias, doenças diarreicas, que representam sensivelmente 60% (doenças ambientais) da mortalidade infantil ([www.unangola.org/oms.asp](http://www.unangola.org/oms.asp)), os níveis de subnutrição são outro factor de mortalidade infantil em Angola, sendo estes valores muito elevados e muito acima das médias mundiais. No entanto, de salientar que houve uma descida acentuada destes valores que nos anos 1990-1992 era 58%, decrescendo em 2002-2004 para valores na ordem dos 35%, aproximadamente o valor médio observado em toda a África Subsariana.

A malária permanece como a principal causa de mortalidade infantil com 40%, bem como elevados valores para a materna. A taxa de mortalidade em hospitais estima-se entre 15% a 20%. A malária é responsável por cerca de 80% da procura de cuidados de saúde e 50% dos doentes internados em serviços de saúde.

Um dos principais flagelos que atinge o mundo e em particularmente o continente Africano é o vírus da



Fonte: <http://blogvisao.wordpress.com>

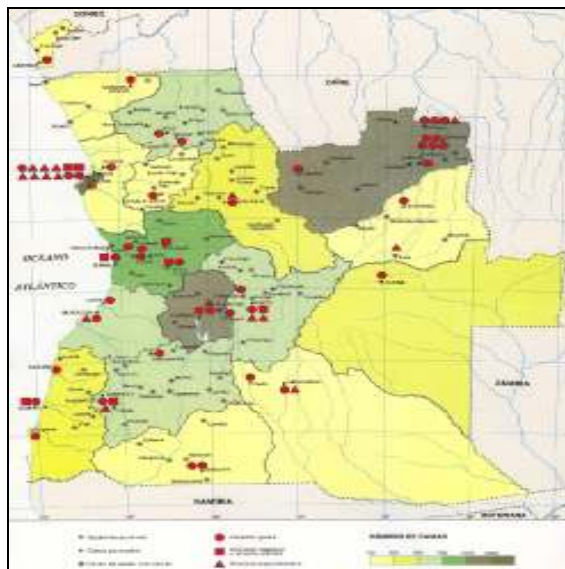
Figura 14: Más condições ambientais

imunodeficiência humana (VIH/SIDA, HIV/AIDS). Os dados relativos a Angola não são animadores, muito pelo contrário, revelam que pouco está a ser feito, no domínio da saúde, para diminuir a propagação desta doença e protecção das populações nomeadamente as crianças.

Segundo os dados analisados (2008, Relatório sobre a epidemia global VIH/SIDA, UNAIDS/WHO, Julho 2008) podemos concluir que o número de infectados subiu em Angola de 120 000 para 190 000 entre os anos de 2001 e 2007. Os valores mundiais para a África subsariana desceram significativamente neste período.

O número de óbitos em 2007 foi de 11 000, uma subida acentuada se comparado com o valor de 2001 que rondava os 5 900. Estes valores têm consequência directa sobre o número de órfãos por efeito do VIH, que ascendeu a 50 000 em 2007. As crianças infectadas com este vírus mais que duplicou no espaço de tempo em questão passando de 7 700 crianças no ano de 2001 para 17 000 no ano de 2007, muito por consequência do número elevado de mulheres portadoras do vírus que em 2007 eram 110 000, ou seja 57,9% dos infectados são mulheres com mais de 15 anos. Em 2001 a percentagem de mulheres infectadas era de 55,8%.

Em conclusão, e pese embora os poucos indicadores disponíveis para a saúde, Angola apresenta uma alta mortalidade por factores relacionados com falta de higiene e condições de salubridade bem como factores relacionados com a falta de campanhas de prevenção e informação mais agressivas de forma a sensibilizar as populações para as doenças transmissíveis por via sexual. Os programas de vacinação também se revelam bastante deficientes, pois apenas abrangem cerca de 50% da população, revelando a baixa intervenção do estado ao nível da saúde.



Fonte: <http://www.infoangola.com/.../mapas/hidrografia.jpg>

Figura 15 – Infra-estruturas de saúde

## 6. Caracterização económica

Relativamente ao regime económico angolano, este assenta na coexistência de diversos tipos de propriedade, nomeadamente pública, privada e cooperativa. A Constituição e a lei determinam os sectores e actividades que constituem reserva do Estado. A terra constitui propriedade originária do Estado e pode ser transmitida para pessoas singulares ou colectivas, tendo em vista o seu racional e integral aproveitamento.

Angola apresenta um elevado e diversificado potencial económico que tem merecido especial atenção por parte da comunidade empresarial, nacional e estrangeira.

Angola é um país muito rico em recursos minerais e naturais, tais como, importantes reservas de petróleo, gás natural, diamantes, substâncias betuminosas, ferro, cobre, ouro, solos muito férteis (estimados em 3,5 milhões de hectares), água, elevado potencial hidroeléctrico e um clima favorável em termos agrícolas a uma diversidade de culturas tropicais e semi-tropicais. A costa marítima, para além dos elevados recursos piscícolas, apresenta grande potencial para o turístico de Sol, Mar e Praia. Em termos ambientais, possui grandes áreas florestais, cenários eco ambientais e paisagísticos, favoráveis às actividades de turismo. Refira-se ainda, o elevado potencial cinegético. Todos estes argumentos são suficientemente aliciantes para despertar o interesse de todos quantos queiram contribuir para o seu desenvolvimento sustentado.

No entanto, refira-se o facto de parte destes recursos não estarem a ser devidamente explorados, por razões que se prendem essencialmente com a guerra após a descolonização e a faltam de investimentos em capital, mão-de-obra qualificada, equipamentos e ferramentas adequadas, sistemas de transporte, circuitos de distribuição e mercados adequados.

Quanto à propriedade, os recursos minerais, sólidos, líquidos ou gasosos existentes no solo, subsolo, no mar territorial ou na zona económica exclusiva sob jurisdição de Angola são propriedade do Estado, que determina as condições para a sua concessão pesquisa e exploração.

A economia assenta em grandes empresas (petróleo, diamantes, banca, etc), contrariamente ao que se verifica na maioria dos países desenvolvidos, em que a estrutura económica assenta em pequenas e médias empresas. Possui uma elevada dependência de um único recurso económico, o petróleo, cujas receitas não estão a ser aplicadas num desenvolvimento planeado e sustentado de outros sectores económicos estruturantes para o desenvolvimento do país (agricultura e pescas, indústria, transformação, transportes, redes, equipamentos e acessibilidades), podendo desta forma comprometer o seu desenvolvimento.

O petróleo, representa o principal sector económico com um percentual muito elevado do PIB (55,8%), cuja exploração se encontra distribuída ao longo das três principais bacias sedimentares costeiras: bacia do Congo (englobando Cabinda), bacia do Kwanza e bacia do Namibe, que fazem parte da bacia marginal do Atlântico Sul. Estima-se, que para a exploração de aproximadamente dois terços das actuais reservas de hidrocarboneto, sejam necessários mais de 35 anos. Estas reservas, encontram-se essencialmente na costa marítima de Cabinda e na plataforma continental adjacente às províncias do Zaire, Luanda, Benguela e Namibe.

Actualmente, 63% da produção petrolífera é exportada para os EUA (8% das importações americanas) e o restante, para o mercado europeu (França, Portugal, etc.), asiático (China, Coreia do Sul, Filipinas, Índia e Japão) e africano (ao nível dos países da SADC).

Como grandes projectos, prevê-se a construção de um pólo de transformação energética em Cabinda, para a conversão de gás natural em diesel e outros derivados, a liquefacção de gás para exportação, cujos mercados potenciais serão a América Latina. A este pólo, dever-se-á acrescentar a refinaria em construção no Lobito (província de Benguela).

Outro recurso de extrema importância para a economia de Angola é a extracção e comercialização de diamantes. Este recurso, constitui o principal produto exportado a seguir ao petróleo. As principais reservas localizam-se a Nordeste do país, onde este recurso conhece elevado grau de pureza e excelente qualidade.

Descobertos em 1912, os diamantes começaram a ser explorados cinco anos depois. Até ao fim da Segunda Guerra Mundial constituíram a base da principal exportação, altura em que o café ganhou vantagem. A sua exploração efectua-se essencialmente em cascalho aluviais nos rios (colondas) e em jazidas inexploradas de origem

volcânica (kymberlitos). As reservas aluviais estimam-se entre 40 e 150 milhões de karats, enquanto as seis reservas conhecidas de kymberlitos figuram entre as dez maiores do mundo, com um valor total de 200 milhões de karats. Refira-se ainda, as jazidas secundários existentes na faixa costeira com reservas ainda por explorar.

Actualmente, o comércio de diamantes inclui o certificado de origem legal e estabelece que toda compra e venda de diamantes deve passar pela Sodiam, empresa participada da Endiama em joint venture com investidores estrangeiros, com filiais criadas nos EUA, Ásia, Médio Oriente e Europa.

O subsolo angolano é igualmente rico noutros minerais, nomeadamente nas regiões do Bengo, Benguela, Bié, Cabinda, Kuando-Kubango, Kwanza-Norte e Kwanza-Sul, Huambo, Huila, Lundas, Malange, Moxico, Namibe e Zaire, que compreende, entre outros, jazidas de minérios metálicos e não metálicos, incluindo pedras preciosas, ouro, ferro, fufatos, bauxite, cobre, crómio, molibdénio, zinco, urânio, pedras ornamentais (granito, mármore, etc.) e materiais de construção (asfalto, calcário, caulino, gesso, etc.).

A avaliação de todos estes recursos encontra-se ainda incompleta, mas sabe-se que as reservas de ferro estão estimadas em mais de um bilião de toneladas (Huila), de fosfato e potássio, 150 milhões e 20 milhões de toneladas (Cabinda e Zaire) respectivamente.

### **Receitas Fiscais**

As receitas fiscais terão crescido substancialmente, fruto do aumento da produção petrolífera e do preço de petróleo bruto nos mercados internacionais (55% do PIB, contra 36,8% em 2006). Nas despesas verificou-se igual tendência de subida, com cerca de 42% do PIB, relativamente aos 34,7% em 2005.

Ainda relativamente às receitas fiscais, refira-se o facto dos impostos serem pagos nos locais onde se encontram sediadas as empresas, ou seja, na sua maioria em Luanda. Este sistema tributário é gerador de assimetrias entre a capital e as restantes províncias, que assim vêm o seu desenvolvimento comprometido por inexistência de receitas.

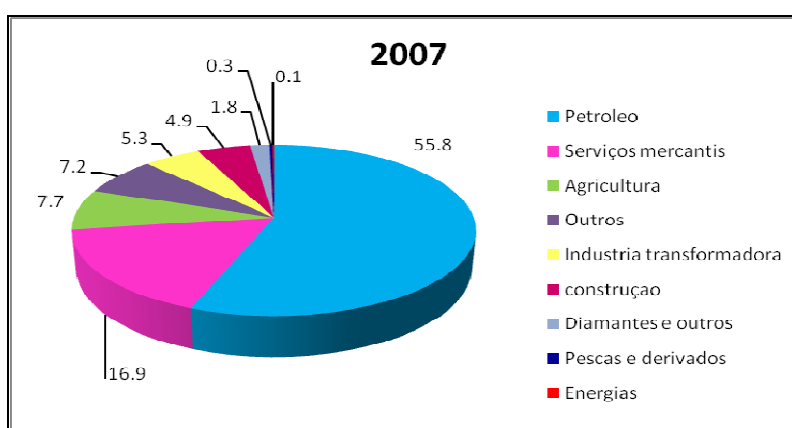
## Desenvolvimento da Dívida

Estima-se que o rácio da dívida externa de médio e longo prazo tenha registado uma ligeira deterioração em 2006, uma vez que o mesmo representou cerca de 37,7% neste ano, relativamente 32,6% em 2005.

## Crescimento Económico

Nos últimos anos até 2007 Angola apresentou um crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) na ordem dos 18 a 20%, em 2008 15%, prevendo-se para 2009 um crescimento na ordem dos 3 a 4%.

Estes valores resultam do crescimento do sector petrolífero estimado em 21,2%, motivado, quer pela subida do preço do barril de Crude e do crescimento do sector não petrolífero estimado em 17,2% com destaque para as obras públicas e construção (66,2%), diamantes e outras indústrias extractivas não petrolífera (41,7%), indústria transformadora (30,7%) e energia e águas com 28,3%. No total, a contribuição do sector petrolífero seria de 57% e a do sector não petrolífero de 43%. No sector não petrolífero as maiores contribuições no PIB global seriam da agricultura, silvicultura e pescas, com 8,59%, e do comércio, bancos, seguros e serviços com 13,9%.



Fonte: <http://www.infoangola.com/.../mapas/hidrografia.jpg>

Figura 18 – Composição sectorial do PIB, 2007

---

## **Inflação**

Angola sempre se caracterizou por ter elevadas taxas de inflação.

No entanto, em 2006 registou taxas mensais inferiores a 1%, confirmando o abrandamento registado em Outubro de 2005, após vários anos em que a mesma se mostrava *rígida* posicionando-se em valores bastante mais elevados. Contudo, nos meses de Novembro e Dezembro do mesmo ano (2006) a tendência inverteu-se, comprometendo assim o cumprimento da meta de inflação estabelecida em 10%. A razão fundamental para este desvio terá sido a falta de combustível e de energia eléctrica. A taxa de inflação mensal ascendeu a 1,43% em Novembro e 1,97% em Dezembro, ficando a anual em 12,2%. Não obstante a taxa de inflação se ter desviado do valor previsto, representou uma redução de 6,33 % em relação ao valor de 2005 (18,53%). Os valores mais elevados verificaram-se no lazer, recreio e cultura com um crescimento na ordem dos 32,13%, vestuário e calçado com 28,5% e alimentação e bebidas não alcoólicas com 14,44% e os transportes 10,11%.

## **Perspectivas**

O quadro macroeconómico interno para 2009 não deverá diferenciar-se substancialmente do quadro de 2008, porquanto, em termos programáticos, o Programa Geral do Governo para 2008-2009 constitui um prolongamento do programa anterior que cobriu os anos de 2005 e 2006.

Todavia, no plano internacional, o aumento das tensões desinflacionistas nos principais países industrializados e a desaceleração do ritmo de crescimento do PIB mundial, deverão merecer o devido acompanhamento, uma vez que os mesmos poderão repercutir-se sobre o desempenho e sobre algumas premissas básicas da economia nacional.

Não obstante a efervescência que se prevê para a economia mundial em 2009, ao nível interno espera-se que o PIB de Angola venha a registar um crescimento estimado 3 a 4%.

Nesta perspectiva, a política monetária deverá ser bastante inactiva no sentido de esterilizar o investimento estrangeiro.

Alguém conhecedor da realidade angolana, escreveu:

*“Numa perspectiva de desenvolvimento, a aposta numa estratégia de redução, a médio/longo prazo, da dependência da economia angolana em relação às receitas petrolíferas revela-se incontornável. A opção é um maior investimento na diversificação económica, nomeadamente na agricultura e na indústria transformadora. A afectação das receitas petrolíferas deverá privilegiar o investimento produtivo, a reabilitação de infra-estruturas de transportes e comunicação e a qualificação do capital humano em detrimento das despesas de consumo e das despesas militares, bem como responder a critérios de transparência e responsabilização que permitirão uma gestão mais adequada desses recursos e a sua utilização mais conforme às necessidades da sociedade angolana. “*

## 6.1 Agricultura e pescas

### **Agricultura**

Angola possui condições climáticas quer em termos de variedade, quer em termos de qualidade bastante favoráveis, que fizeram deste país um paraíso agrícola para as culturas tropicais e semi-tropicais.

Aquando da independência, era auto-suficiente em termos agrícolas, foi o terceiro produtor mundial de café e mantinha uma produção crescente de cana-de-açúcar, essencialmente junto das regiões de Luanda e de Benguela, sendo que em 1914 as exportações deste produto pouco ultrapassava as 6 749 toneladas, atingindo em 1940 aproximadamente 39 433 toneladas. Actualmente, mantém um dos maiores potenciais agrícolas da África Subsariana, embora as exportações se baseiem essencialmente no café e no sisal.

Relativamente às exportações de sisal, desenvolveram-se durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Em 1920, as exportações rondavam as 62 toneladas, em 1941 cerca de 3 888, dois anos depois 12 731 toneladas e em 1973, 53 499. As plantações situavam-se no planalto do Huambo, do Cubal para Leste, nas margens da linha férrea do Dilolo, Bocoio, Balumbo, Luimbale, Lepi, Sambo, bem como, Cuanza norte e Malange. Ainda neste período (2ª Guerra Mundial - independência), o café abriu um novo ciclo económico de extrema importância nas exportações de Angola que se prolongou até 1972, sendo nesta altura ultrapassado pela exploração petrolífera em Cabinda. Assim, em 1900 as exportações de café pouco ultrapassaram as 5 800

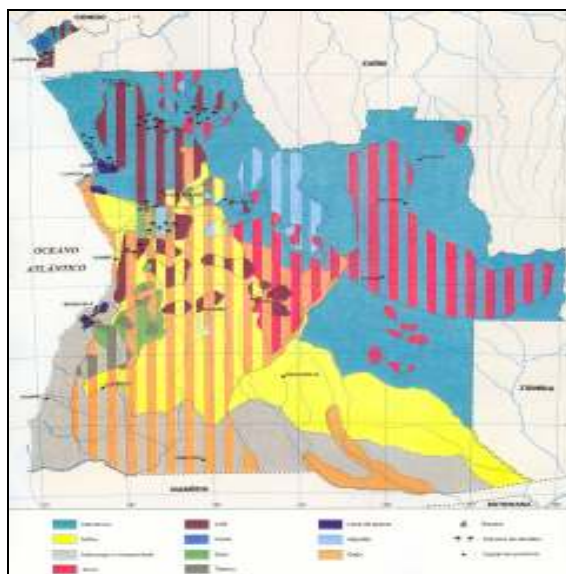
toneladas, em 1930 cerca de 14 851, em 1943, 18 838t e a partir deste ano o crescimento foi vertiginoso, atingindo em 1968 valores exportados de 182 954t e quatro anos depois 218 681t. Para este aumento de produção e exportação de café muito contribuiu a subida da cotação deste produto nos mercados internacionais a partir de 1950.

Entretanto, com o êxodo para as zonas urbanas provocado pelas hostilidades militares entre movimentos políticos que minaram grande parte dos solos agrícolas impossibilitando-os para a prática agrícola, as produções reduzem-se drasticamente, passando Angola de país exportador a importador da quase totalidade de alimentos e em grandes quantidades, tomando-se dependente da ajuda alimentar internacional a partir do início dos anos 80. Nesta altura, o Estado confiscou grandes propriedades agrícolas abandonadas, cria explorações agrícolas estatais e empresas de comercialização que mais tarde se vêm a revelarem ineficientes.

Em 1984, o Governo distribuiu algumas dessas explorações estatais e colectivas a pequenos agricultores mantendo-se as grandes nas mãos do Estado. A posse destas terras foi objecto de discussão durante alguns anos até que em Agosto de 2004 a Assembleia Nacional aprovou uma nova Lei da Terra.

Paradoxalmente, algumas regiões ou províncias têm excedentes de produção, designadamente Huíla e Benguela, mas que não podem ser encaminhados para as zonas de consumo devido à ausência de transportes e de distribuição apropriada.

O sector da pecuária concentra-se nas províncias do Sudoeste e tem vindo a decrescer desde a independência. De acordo com as estimativas da Organização para a Alimentação e Agricultura (FAO), em 2002 apenas se produziram 139 000 toneladas de carne de bovino, ovino, caprino, suíno e aves (61% bovinos).



Fonte: Ministérios da agricultura, "Atlas Geográfico", Volume 1, 1982

Figura 17- Principais culturas praticadas

Não deixa de ser constrangedor o facto deste país possuir solos muito férteis,

um clima que permite o seu uso durante todo o ano, *onde se semeia de manha e se colhe à noite*, não ser auto-suficiente e nada ter feito para que o passe a ser.

No entanto, as operações de desminagem decorrem a bom ritmo, as vias de comunicações começam a ser reabilitadas para que as populações possam retornar ao seu *modus vivendi* tradicional. As Nações Unidas estimam um potencial de 5 a 8 milhões de hectares de terras de "prime agriculture" bem como áreas extensivas que irão permitir aos agricultores desenvolver uma ampla variedade de culturas incluindo: cassava, batata, milho, banana, feijão, algodão, mandioca, óleo de palma, tabaco, girassol, citrinos e numerosos vegetais.

Todo este potencial complementado pelo aparecimento de adequadas indústrias agro-alimentares, tornará rapidamente Angola na maior potência agrícola e pecuária a nível regional (África Subsariana).

No entanto, para que este sector se equilibre, será necessário manter um crescimento médio anual na casa dos dois dígitos durante uma década, o que implicará grandes investimentos na reabilitação das acessibilidades, redes e infra-estruturas.

## **Pescas**

Este sector, não tendo sido directamente afectado pelas hostilidades militares, apresenta resultados de exploração aquém dos valores registados aquando da independência. No entanto, Angola possui um enorme potencial ao longo dos seus 1 650km de costa, com presença abundante de plancton. Após a independência, o Governo concluiu acordos de pesca com frotas de países estrangeiros em troca de parte das capturas. Estas frotas, que por ausência de fiscalização efectuaram capturas à margem da legalidade não acautelando a sustentabilidade das reservas piscícolas, colocam ao país a necessidade de recuperação desta actividade.

Actualmente, a política económica é de grande abertura e importantes esforços estão em curso para reabilitar a indústria transformadora ligada a este sector de actividade, com a ajuda de outros países e organizações internacionais.

## 6.2 Indústria e Transformação

O sector industrial e transformação confrontou-se com um conjunto de factores de natureza conjuntural e estrutural que muito condicionaram o seu desempenho.

De entre os factores destacam-se designadamente:

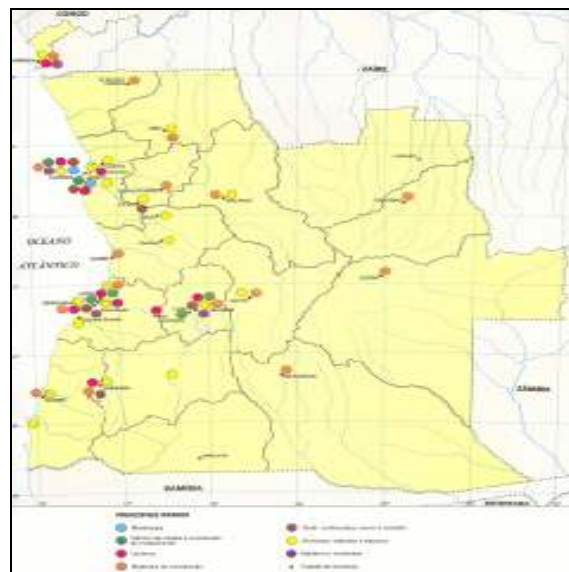
- Sistema financeiro pouco desenvolvido.
- Insuficiente capacidade financeira das empresas e dos industriais.
- Inacessibilidade ao crédito decorrente da ausência de garantias reais.
- Escassez de recursos humanos qualificados.
- Obsolescência dos equipamentos.
- Ausência de infra-estruturas básicas em quantidade e qualidade.

Entre 1990 e 2000, os subsectores que demonstraram tendências de crescimento mais dinâmicas foram indústrias Agro-alimentares, através das produções de pasta de fígado, óleo alimentar, farinhas de milho e de trigo, pão e sal comum, das bebidas – cerveja, refrigerantes e vinhos de mesa, dos minerais não metálicos – vidro em obra, cimento, tabaco, dos têxteis e dos produtos de metal.

O subsector que mais decresceu foi o dos metais comuns, representado pela produção de varão de aço e eléctrodos.

O sector das Obras Públicas foi o que mais receitas recebeu durante o ano de 2006, com um total de 311,2 milhões de dólares. Do valor, 238,6 milhões foram investimentos privados.

Dados constantes do balanço do Programa Geral do Governo de 2006 indicam que, no total, os quatro sectores relevantes para a economia nacional (Indústria transformadora, Agricultura, silvicultura e pecuária, Obras públicas e Energia e águas) receberam 626,5 milhões de dólares.



Fonte: Ministérios da agricultura, "Atlas Geográfico", Volume 1, 1982

Figura 18- Principais pólos de transformação

Depois das obras públicas, a Energia e águas foi o que mais investimentos receberam com 242,1 milhões de dólares, seguido da indústria transformadora com 176,8 milhões de dólares (dos quais apenas dois milhões foram investimentos públicos). O sector da agricultura, silvicultura e pecuária recebeu investimentos de 105,8 milhões de dólares.

O sector petrolífero, responsável por 77,6% do total do investimento registado em 2006, apenas foi responsável pelo emprego de 0,23% da população economicamente activa, num total de 13 689 trabalhadores. Como consequência, a economia não petrolífera cresceu 25,70 por cento, muito acima dos 14,7 por cento registados em 2005. Dentre os sectores que mais notoriedade apresentou, destaca-se a indústria transformadora com 44,7 por cento e a construção com 30 por cento.

### **Recursos Energéticos**

O petróleo bruto e o gás natural constituem as principais actividades da indústria angolana, representando 96,5% do valor acrescentado bruto é cerca de 55% do PIB. As principais companhias que operam em Angola são A Cabinda Gulf Oil, Total, Elf Aquitaine Angola, Texaco, Agip, BP, Braspreto, Fina e Sonangol.

Angola possui diferentes minérios de grande variedade e valor, nomeadamente, importantes jazidas de lenhite na província do Moxico, a Sul da cidade de Luena, que actualmente não se encontram em exploração.

A maior parte das instalações de produção de energia situam-se na metade ocidental do território, onde também se concentravam a maior actividade industrial.

A energia eléctrica é fornecida por três sistemas distintos, baseados nas bacias hidrográficas dos rios Cuanza a Norte, Catumbela ao Centro e Cunene a Sul. Na Lunda, as jazidas de Kimberlitos estão a iniciar a sua exploração, estimando-se que sejam das maiores do mundo. Além da zona de exploração tradicional na Lunda Norte, estão a ser exploradas novas jazidas nas regiões Kwango e Lucapa.

Relativamente às minas de ferro, existem grandes reservas no Kassinga (Nambibe) e Kassala kintungo, embora a sua exploração se encontre praticamente suspensa. Angola possui ainda grandes reservas de fosfatos em Mongo-Tando (Cabinda) e em Kindonacaxa (região do Zaire), que se encontram actualmente em laboração.

Toda esta reserva de abundantes recursos minerais, cuja parte explorada permite por si só, sustentar uma economia degradada pela guerra.

## Petróleo

Com uma produção de cerca de 750 000 barris/dia, Angola é o segundo maior produtor de petróleo do continente africano (depois da Nigéria) ao sul do Sahara. Alguns analistas apontavam para uma produção de perto de 1 000 000 barris/dia para o ano 2000, com a possibilidade de triplicar este valor dentro das duas primeiras décadas do milénio.

A extracção deste recurso pouco sofreu com a guerra e apresenta um crescimento regular desde a independência. O petróleo representa 90% das exportações naturais, mais de 80% das receitas do Estado e 42% do PIB de Angola. As reservas conhecidas referem 4 mil milhões de barris e uma estimativa recente aponta um potencial de perto de 2 mil milhões de barris para as reservas ainda por descobrir.

A prospecção de petróleo tem vindo a aumentar à medida que se concedem novas licenças e se instalam novas plataformas de alta tecnologia para perfuração em águas profundas. Nos últimos dois anos têm sido efectuadas descobertas extraordinárias em águas profundas, nomeadamente pela Cabinda Gulf (Chevron) e pela Elf, sendo este sector controlado pela SONANGOL. Estas companhias foram atraídas por uma geologia favorável, contratos interessantes e baixos custos operativos. O território colocado/licenciado para prospecção foi subdividido em partes (à excepção de Cabinda) e para cada uma delas efectuado contratos entre as companhias concessionadas (Chevron, elf, Texas, Shell, Exxon, etc.) e a Sonangol. A Chevron que opera em Angola há mais de 40 anos, descobriu nos últimos anos 4 novos campos de petróleo e desenvolve um plano de investimentos de 2,5 mil milhões de dólares direccionado para a



Fonte: Ministérios da agricultura, "Atlas Geográfico", Volume 1, 1982

Figura 19- Plataforma petrolífera

prospecção em águas profundas.

Com este ritmo de crescimento na produção de petróleo torna-se imperioso a construção de uma segunda refinaria em Angola, o que a acontecer colocará Angola como principal fornecedor de produtos derivados do petróleo a nível regional.

## Diamantes

Os primeiros diamantes de Angola foram descobertos em 1912, tendo a exploração início no rio Chicapa e seus afluentes.

Em 1917 é criada a DIAMANG que no seu primeiro ano de actividade registou uma produção de 4 110 quilates, atingindo uma produção recorde de 2 413 021 quilates em 1971.

Em estimativas do Banco Mundial, as exportações oficiais de diamantes cresceram de 295 000 quilates em 1993 para 517 000 em 1994 e com a paz efectiva estimava-se numerosos próximos aos 2 000 000 quilates no ano 2.000. Angola possui reservas excepcionais, principalmente de kimberlite e estimativas recentes apontam para perto de 200 000 000 de quilates em gemas de boa qualidade.

Actualmente, a Endiama que mantinha uma situação de controlo absoluto na exploração deste recurso, associou-se na prospecção e pesquisa de diamantes a outros parceiros, tais como a Sociedade Mineira do Lucapa, a sociedade Mineira do Catotca, a Chitotolo Associação em participação no N'zagi, entre outros. Os acordos de produção e comercialização foram concluídos com a DE BEERS bem como, outras companhias estrangeiras. Apesar da produção aluvial constituir de momento a principal fonte de receitas, a exploração das jazidas de Kimberlite a descoberto, figura como a perspectiva mais interessante a longo prazo.



Fonte: Ministérios da agricultura, "Atlas Geográfico", Volume 1, 1982

Figura 20- Exploração de diamante

---

## **Outros Minerais**

Angola é um país eminentemente rico em recursos minerais. Estima-se que o seu subsolo contenha 35 dos 45 minerais mais importantes do comércio mundial entre os quais se destacam o petróleo, gás natural, diamantes, fosfatos, substâncias betuminosas, ferro, cobre, manganésio, ouro e rochas ornamentais.

Existem depósitos substanciais de ouro, minério de ferro, fosfatos, manganésio, cobre, quartzo, gesso, mármore, granito negro, berílio, zinco e numerosos metais estratégicos. Angola tem sido descrita como um dos maiores e menos desenvolvidos dos paraísos minerais ainda existentes.

Actualmente, o governo desenvolveu uma política vocacionada para incentivar o investimento na exploração mineira. Acabou com o monopólio estatal sobre os estudos geológicos e prospecção mineral e recompensará com concessões quer os investidores estrangeiros quer os nacionais para a prospecção e produção.

## **Energia**

Angola possui um enorme potencial hidroeléctrico graças aos imponentes rios que atravessam o país. Em condições normais, Angola gera mais energia do que necessita, havendo planos para vender electricidade à Namíbia e ao Congo Democrático. Prevê-se que a Barragem de Capanda no rio Kwanza venha a duplicará a capacidade de produção e forneça a energia necessária para satisfazer as necessidades internas nas próximas décadas.

O sector eléctrico cuja actividade é tutelada pelo Ministério de Energia e Águas, tem como principais operadores a ENE - Empresa Nacional de Electricidade, responsável por 95% da energia eléctrica produzida no País e pela distribuição em grande parte nas principais localidades. A EDEL garante por completo a distribuição em Luanda.

No entanto, refira-se o facto de o país ter graves problemas no abastecimento de energia eléctrica, com excepção para a capital, Luanda.

### 6.3 Comércio e Serviços

Reportando-nos a 2007, este sector de actividade apresenta-se como o mais importante da estrutura económica do país, baseado no comércio externo relativamente aos imensos recursos naturais que Angola explora, de que se salienta os crescentes valores obtidos na venda do petróleo e seus derivados, diamantes e ouro, bem como, o desenvolvimento do sector bancário.

Entre 2002 e 2005 a evolução positiva dos principais indicadores macroeconómicos e as reformas estruturais implementadas pelo governo vieram dar uma nova dinâmica ao sector bancário, que permitiu o crescimento de forma expressiva dos financiamentos e a revitalização da actividade económica.

Ao mesmo tempo, o Governo estabeleceu um plano de desenvolvimento de instrumentos de planeamento e de gestão económica e financeira do Estado, definindo como prioritárias as áreas da produção agropecuária, indústria alimentar, indústrias mineiras (extração e transformação), indústria de pescas e derivados, indústrias transformadoras na produção de bens de consumo e de apoio à agricultura e indústrias de materiais de construção.

As linhas de futuro do desenvolvimento sustentável de Angola foram assim desenhadas em três documentos fundamentais: a Agenda Nacional de Consenso, de natureza política, promotora de uma visão estratégica comum entre as forças políticas e a sociedade civil; a Estratégia da Redução da Pobreza, de natureza governativa,

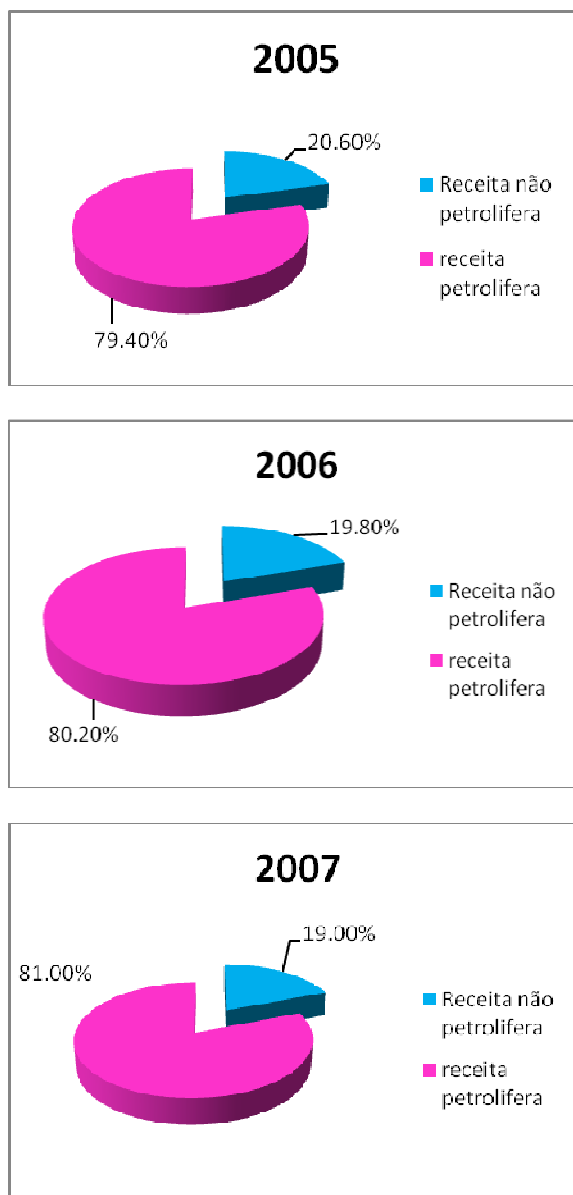
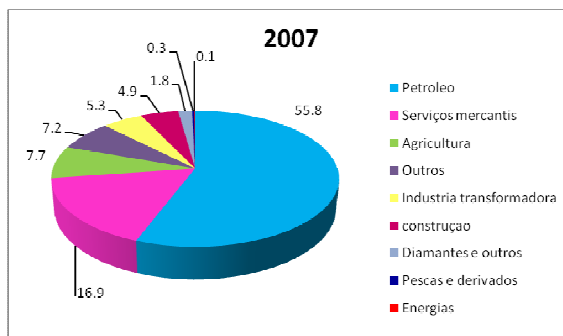


Figura 21- Evolução da estrutura petrolífera e não-petrolífera do estado 2005- 2007

visando o relançamento económico-social e a redução dos índices de carência e de vulnerabilidade alimentar das populações; a Estratégia de Desenvolvimento a Longo Prazo para Angola (2005), de natureza governativa, com planos de acção e programas referentes a infra-estruturas básicas e sociais, desenvolvimento dos sectores produtivos e serviços e também financeiros.

No sentido de promover alternativas ao financiamento da economia, o Governo pretende legislar relativamente à criação do Mercado de Capitais e à implementação da bolsa de Valores e Derivados de Angola, bem como o Movimento Cooperativista, com geração de poupança capitalizável. Refira-se também, a reformulação e modernização da legislação relativamente a medidas para combater a tendência de empobrecimento e a debilidade no financiamento da micro economia, criando os Fundos de Acção Social (FAS) e de Desenvolvimento Económico-Social (FDES) e implementando programas de micro crédito e de criação de microempresas.



Fonte : Boletim de Estatísticas do OGE 2007

Figura 22- Composição sectorial do PIB, 2007

## 7. Infra-estruturas e equipamentos

### Telecomunicações

Entre 1990 e 2004, as infra-estruturas de telecomunicações foram consideravelmente degradadas, contrariando as tendências que se vinham verificando em consequência dos investimentos de que o sector beneficiou. Independente da situação, o sector optou por desenvolver acções que concorressem para a expansão e modernização dos serviços, através da introdução do sistema digital nas áreas urbanas e periféricas de Luanda e da telefonia móvel.

Neste quadro da busca de parcerias com o propósito de acelerar a segmentação dos grandes monopólios como forma de melhorar os serviços de telefone e correios,

foram autorizados agentes privados.

| Indicadores        | 1998        | 1999        | 2000        |
|--------------------|-------------|-------------|-------------|
| Serviço telefónico | 775 501 392 | 682 806 986 | 833 585 537 |
| Serviço telemóvel  | :           | :           | :           |
| Rede Lunda         | 32 740 530  | :           | :           |
| Internacional      | 283 351 591 | 357 630 222 | 267 202 848 |
| Sub-total          | 411 795 882 | 479 078 521 | 434 676 073 |

Tabela 9 - Produção (UM:UTT)

| Indicadores        |               | Correspondência expedida |           |         |         |         |         |
|--------------------|---------------|--------------------------|-----------|---------|---------|---------|---------|
|                    |               | 1998                     | 1999      | 2000    | 1998    | 1999    | 2000    |
| Carta e<br>Registo | Nacional      | 701 180                  | 544 910   | 357 800 | 618 600 | 413 300 | 357 800 |
|                    | Internacional | 1 319 600                | 1 447 410 | 718 920 | 862 700 | 497 568 | 175 000 |

Tabela 10 - Correspondência expedida

No que concerne às dinâmicas de crescimento, o serviço telefónico verificou um crescimento relativamente mais intenso do que a telefonia móvel, porquanto em média o primeiro indicador apresentou crescimentos de 3,7% ao ano, enquanto a telefonia móvel alcançou a cifra de 2,7%. Para este resultado em muito contribuiu o crescimento alcançado pelo serviço telefónico em 2000, que se cifrou em 22%. Por seu lado, o indicador telefonia móvel registou o seu maior crescimento em 1999, com 16,3%, em consequência, particularmente, do incremento alcançado pelo serviço de telemóvel internacional, com 26,2%.

Na correspondência recebida e expedida, constata-se que a produção está concentrada na correspondência internacional, essencialmente a verificada durante os anos de 1998 e 1999. Dentro da correspondência internacional assume maior peso a correspondência recebida.

Do desempenho do sector depreende-se que a produção cresceu consideravelmente, o emprego embora modestamente, aumentou em 1% em 1999 e 2% em 2000, o valor do fundo salarial diminuiu, a produtividade bruta diminuiu em 5% em 1999 e 8% em

2000 e o salário médio por trabalhador diminuiu em média 10 USD, em consequência do aumento do efectivo de trabalhadores e diminuição do valor do fundo salarial.

## Aeroportos

Os portos mais movimentados são os de Luanda, Benguela, Lobito, Moçâmedes e Cabinda. O aeroporto de Luanda é o centro de linhas aéreas que põem o país em contacto com outras cidades africanas e europeias.

Angola possui 18 aeroportos e 12 aeródromos, com pistas de terra ou em laterite. O comprimento das pistas dos cinco principais aeroportos ultrapassa os 3400 metros e a quase totalidade da frota privada encontra-se estacionada em Luanda.

Em Luanda, durante o período diurno, registam-se cerca de 30 descolagens e aterragens por hora. Actualmente, a pista principal, de 3700 metros de comprimento e 45 metros de largura. Está planeada para em Viana, a cerca de 30 quilómetros do centro da capital, a construção de um novo aeroporto internacional com uma capacidade para um milhão de passageiros. O novo aeroporto deverá entrar em funcionamento em 2015 e está previsto um investimento na ordem de mil milhões de dólares. Existem várias empresas privadas neste sector, para além da companhia

nacional, a Transportadora Aérea Angolana (TAAG).



Figura 23 – Voos internacionais

Gabão e São Tomé e Príncipe.

Entre as companhias aéreas com rota para Luanda incluem-se a TAP Air Portugal, a Air France, a SN Brussels Airlines e a British Airways. Note-se que o transporte dos empregados da indústria petrolífera entre Houston (EUA) e Luanda é assegurado pela Sonair, uma subsidiária da Sonangol. Existem ainda ligações para destinos regionais incluindo a África do Sul, a Namíbia, a República Democrática do Congo, o Congo (Brazzaville), o

## Acessibilidades

O transporte em meio terrestre pode ser efectuado por rodovia através dos 51 429 km de estradas, das quais apenas 5349 km são pavimentadas, ou por ferrovia através da rede caminhos-de-ferro existente.

Em 1975, Angola possuía 3052 km de vias-férreas, dos quais, 1471 km geridos pela Companhia de Caminho-de-Ferro de Benguela (CFB) e os restantes (1581 km) pelo Estado. As consequências da guerra foram tais que da rede, encontra-se praticamente inutilizada. Para a reabilitação da rede ferroviária, o Governo anunciou no início de 2005 projectos com um investimento de quatro mil milhões de dólares, a aplicar num período de 11 anos. Este investimento será parcialmente financiado pela China. Deverão ser reabilitados os troços fundamentais que ligam as principais províncias do interior. Nesse sentido, o Conselho de Ministros aprovou um plano com cariz de urgência onde constam os seguintes troços:



Figura 24 - Infra-estruturas de Angola

- Luanda - Malange - Saurimo - Cunene;
- Luanda - Sumbe -Benguela - Lubango - Ondjiva -Santa Clara (Via Lucira);
- Cabinda - Caungo - Dinge;
- Sumbe-Gabela – Kibala - Waku Kungo - Dondo.

Numa segunda fase, serão reabilitados os seguintes troços, também estes considerados como prioritários:

- **Eixo Longitudinal** que liga Uíge - Malange - Andulo - Kuito - Chitembo - Menongue. Este eixo Norte-Sul passa pelo interior do país.
- **Eixo Transversal** que liga Luanda - Dondo - Cela - Huambo - Caconda - Lubango. Trata-se de um eixo de abastecimento de mercadorias entre a Capital e as principais regiões.

- **Eixo Transversal Norte** que liga Dondo - Ndalatando - Lucala - Cacusso - Malange e Lucala - Samba - Caju - Negage - Uíge.
- **Eixo Centro-Sul** que liga Lobito - Balombo - Luindibale -Alto Hama - Bailundo – Cuíto – Catabola - Camacupa. Esta ligação é uma alternativa à ligação ferroviária de Benguela.
- **Eixo alternativo** entre Luanda - Ondjiva, que passa entre Lobito - Chogoroi – Kilengues - Cacula.
- **Eixo alternativo à rede ferroviária de Moçâmedes** - estrada entre Namibe - Lubango – Matala

O sector marítimo tem sido prejudicado por insuficiência de manutenção e de investimentos. Contudo, Angola tem quatro portos principais, localizados em Luanda, Lobito, Namibe e Cabinda. O porto mais frequentado é o da capital uma extensão de 2 738 metros de cais, quatro terminais que incluem uma base de apoio à actividade petrolífera. Em termos de condições naturais é considerado um dos melhores da costa africana. Em 2004 movimentou mais de 3 000 000t e registou um tráfego de 2 645 navios.

Os portos do Lobito e do Namibe possuem grande capacidade que não está a ser devidamente aproveitada. De referir, a reconstrução e reestruturação dos portos de Luanda e Lobito, no sentido de oferecerem maior segurança e funcionalidade.

A marinha mercante possui, oito navios (sete cargueiros e um petroleiro).



Fonte: <http://www.panoramio.com/photo/3210866>

Figura 25 - Porto de Luanda

## 8. Ambiente

Um dos principais problemas ambientais de Angola, prendem-se entre muitos outros com a falta de água potável por deficiente retenção da mesma em reservas que servem as populações e não tanto por falta desta, situação que agora com o país em paz, se espera que mude radicalmente. Em 1987 este problema contribuiu para uma epidemia de cólera em Luanda.

Outro problema prende-se com a desflorestação provocada pelo corte de madeiras para exportar, nomeadamente a Norte de Angola e em Cabinda, que está a provocar a erosão do solo. Acrescente-se ainda o aumento da desertificação, a deficiente gestão florestal, o corte e as queimadas efectuadas para obtenção de solos agrícolas, as pastagens intensivas de gado, o abastecimento de madeira para combustível caseiro nas grandes concentrações de refugiados junto às grandes cidades e o aumento do deserto do Namibe a Sul.

Estes problemas agravaram-se com guerra civil, que provocou uma enorme pressão populacional em certos pontos onde havia uma riqueza de biodiversidade, o que fez com que esta diminuísse substancialmente.

Refira-se ainda, a falta de tratamento dos esgotos e a poluição fluvial provocada pela extracção pouco cuidada dos recursos naturais (ouro, diamantes e petróleo).

Agora com a paz, renasce a esperança da resolução destes problemas, bem como, o facto de Angola ter assinado e ratificado o *Tratado da Biodiversidade*, o *Tratado para conter as mudanças climáticas*, o *Tratado para a protecção do Ozono* e o *Tratado do Mar*.

## 9. Considerações Finais

Com o fim da guerra civil, no início de 2002, Angola busca retomar o caminho do progresso e do desenvolvimento, oferecendo ao visitante a beleza de suas praias, a hospitalidade do seu povo e a riqueza de sua história. Angola abre os braços para o futuro e aposta na força de seus cidadãos para recuperar o esplendor e superar as glórias do passado.

No entanto, Angola tem um passado recente demasiado conturbado que lhe deixou demasiadas feridas e cicatrizes, provocadas pelas lutas pelo poder, pelo uso dos seus recursos (petróleo e diamante) para alimentar o esforço de guerra, bem como o aproveitamento em benefício próprio dos rendimentos desses mesmos recursos.

Com a independência instala-se um regime de partido único e posteriormente com a morte do líder da oposição Jonas Savimbi aniquila-se a oposição, facto que vem a permitir a continuidade de uma governação sem a fiscalização dos actos do governo.

Com a ausência de regras democráticas cresce a falta de transparência e instala-se a corrupção, essencialmente ao nível das elites políticas e militares, que atinge níveis absurdos. A corrupção é hoje uma questão cultural que em maior ou menor escala consoante o nível em que é praticada se disseminou por todo o território.

O modelo económico desenvolve-se com base na exploração dos recursos naturais existentes no subsolo, essencialmente petróleo e diamantes, cuja gestão promíscua e danosa em nada contribuiu para o desenvolvimento do país. A economia faz-se com base em meia dúzia de grandes empresas dos ramos petrolífero e financeiro, cujas receitas não são aplicadas no desenvolvimento dos sectores económicos que deveriam criar e garantir um desenvolvimento sustentado, de que são exemplo as acessibilidades, os equipamentos, a indústria, a produção agricultura, o comércio e os serviços (com excepção da banca em Luanda), as pequenas e médias empresas, etc. Como consequência, a economia apenas funciona na capital e no restante território não existe um tecido empresarial que permita a redistribuição da riqueza por via do trabalho, a fome e a miséria são uma realidade constrangedora e as desigualdades sociais são abissais.

Assim, numa perspectiva de desenvolvimento económico, a opção para Angola terá de passar por um maior investimento na diversificação económica, nomeadamente agricultura e na indústria transformadora. A afectação das receitas petrolíferas deverá privilegiar o investimento produtivo, a reabilitação das infra-estruturas de transportes e comunicação e a qualificação do capital humano em detrimento das despesas de consumo e das despesas militares, bem como responder a critérios de transparência e responsabilização que permitirão uma gestão mais adequada desses recursos e a sua utilização mais conforme às necessidades da sociedade angolana

Resta-nos a esperança de que sendo Angola um país rico muito atractivo, consiga agora atrair capital humano e financeiro, de forma a reequilibrar-se e assim poder recuperar o seu atraso para o bem de todos os angolanos.

## 10. Bibliografia

<http://blogvisao.wordpress.com/2007/06/14/angola-lidera-pases-com-mais-mortes-por-causas-ambientais/> (consulta em 11-05-2009)

<http://www.unicef.org/angola/pt/children.html> (consulta em 15-05-2009)

<http://www.indexmundi.com/pt/angola/> (consulta em 15-05-2009)

<http://www.unangola.org/oms.asp> (consulta em 11-06-2009)

[http://unstats.un.org/unsd/demographic/products/dyb/2000\\_round.htm](http://unstats.un.org/unsd/demographic/products/dyb/2000_round.htm) (consulta em 18-06-2009)

African Development Bank, <http://www.afdb.org/en/home/> (consulta em 14-06-2009)

<http://data.un.org/> (consulta em 14-06-2009)

<http://web.worldbank.org/WBSITE/EXTERNAL/COUNTRIES/AFRICAEXT/ANGOLAEXTN> (consulta em 11-06-2009)

<http://stats.uis.unesco.org/unesco/> (consulta em 11-06-2009)

[http://hdrstats.undp.org/2008/countries/country\\_fact\\_sheets/cty\\_fs\\_AGO.html](http://hdrstats.undp.org/2008/countries/country_fact_sheets/cty_fs_AGO.html) (consulta em 18-06-2009)

<http://www.inss.gv.ao/portal/Estatistica.php> (consulta em 14-06-2009)

<https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/AO.html>